



GISELLE

A Espiã Nua Que Abalou Paris

2



SECULO XXI

— Pelo amor de Deus, acalme-se, general! — Gritei

— Que general nem meio general! Aos seus pés, Giselle, sinto-me pior que um sargento depois de duas noites de serviço.

Aproveitei o momento psicológico. Seria agora, ou nunca.

— Eu tenho um pedido a lhe fazer, meu general. — disse eu.

O rosto de Stupnaggel, comandante de Paris, contraiu-se bruscamente. Era sempre assim. Quando se fazia alusão a um favor os nazistas perdiam a compostura.

— Já começou a exploração. Será que as francesas como você não amam o amor? — falou, com desdém.

— General, se procura utilizar-me assim tão violentamente, como fonte de prazer profano, não é justo que eu também busque uma compensação?

— Dinheiro?

— Acha que preciso?

Fiz um gesto. Mostrei a sala luxuosa.

— Não — confessou. — Acho que não precisa. Oetting é generoso.

— Não é dinheiro que desejo.

— Liberdade para alguém? Não me venha com trapaças?

— Também não. Quero um automóvel.

— Você, Giselle, não é mesmo de brincadeira. — Stupnaggel deu um pulo. — Veja só! Quer um automóvel? Naturalmente com a respectiva quota de gasolina? Igual à de um oficial alemão?

— Mais do que isso, general. Eu desejo um carro oficial.

Era demais. Stupnaggel não agüentava meu desafio.

— Você enlouqueceu, Giselle. Para que desejaria um automóvel oficial? Está maluquinha.

— Não estou disposta a agüentar o desaforo de andar parando, em cada esquina, para dar satisfações a todo soldado alemão que se atravessa no meu caminho. Esses brutos, a pretexto de me fiscalizar, o que querem mesmo é bolinar-me.

Stupnaggel ficou mais calmo e ponderou:

— Contudo, Giselle, é preciso que compreenda: não lhe posso dar um carro oficial. Que diriam os outros?

— Importa-se muito? Por acaso não sabem que o ilustre general concede-me a insigne honra de freqüentar este apartamento, ornamentando seu brilhante companheiro de armas, o coronel Oetting? Não sabem os tais "outros" ainda que o ilustre general é dado a excentricidades e que só através dos meus caminhos consegue entrar no paraíso com passo firme?

O PRESTÍGIO DE UNS SEIOS

No dia seguinte, às dez da noite, o carro oficial estava parado à minha porta, com placa de número curto e muito boa vontade do chofer. Eu não saberia descrever o que fizera como fêmea ao general para fazê-lo ceder ao meu pedido. Recordo-me apenas que, em dado momento, pus o meu seio inteiro dentro de uma taça de cristal bacará cheia de champanha. E as formas coincidiam. E o vinho correu brilhando sobre meu corpo dourado, como se fosse provido de luz própria. Os olhos do general estiveram acesos como brasas, durante muito tempo. Mas, já vencido, no dia seguinte o nazista ainda encontrou forças para observar.

— Quero preveni-la, Giselle, de que deve fazer bom uso deste automóvel.

— Que outro eu poderia fazer, senão para os meus passeios?

— Parece que noutros tempos a minha querida andou trabalhando contra o "*führer*".

— Por acaso não trabalho agora para você denunciando franceses, ouvindo insultos, alojando metade do exército alemão em minha cama? E mesmo assim não consigo sequer a confiança de um simples *Mercedes Benz*?

Ele emudeceu. Depois disse: — Você é um demônio, Giselle. Seus seios, taças de champanha invertidas. Quando esta guerra terminar, o que não demora, pois a Inglaterra será brevemente invadida, vou fazer erguer uma estátua a você, sobre a Porta de Brandemburgo, em Berlim. Vai ser um escândalo nacional!

— O general está ironizando?

— Não. Você é bela e nos presta serviços de guerra. É uma heroína. Não faz muito tempo, mostrou-se muito útil à nossa pátria.

— Posso saber como?

— Ah... de uma maneira indireta. Mas valeu. É que um francês que rondava sua casa foi seguido pelos nossos agentes. Sabe até onde nos conduziu? Ao esconderijo "*maquis*" do restaurante Capoulade.

Procurei ocultar minha emoção e aparentei indiferença ao perguntar: — Muitas prisões?

— Várias. Uma, sobretudo, da máxima importância. Conseguimos afinal pôr a mão num dos homens que mais trabalho nos vinha dando nesse movimento subterrâneo. Já ouviu falar em Zingg?

NOTÍCIA MORTIFICANTE

Meu coração saltou num ritmo desvairado. Logo uma onda de suavidade o envolveu quando o general Sutpnagel acrescentou:

— Pois chegaremos a ele. Todos os presos de ontem pertencem ao seu grupo. Dirão onde Zingg se esconde.

— Acha que falarão?

— Tenho meios de obrigá-los. Quer assistir?

— Esquece-se de que, apesar de tudo, sou francesa.

— Amiga dos alemães.

— Mesmo assim. Não perdi o sangue nem renego meu povo a ponto de ver torturar meus companheiros dessa forma. Sinceramente, general, desaprovo esses métodos. Não são métodos de guerra limpa.

— Na guerra somos forçados a escrever regras novas todos os dias. E o lícito e o ilícito, na perseguição da vitória, são simples detalhes semânticos sem importância. O trabalho desses guerrilheiros tem de ser sufocado com violência. Quanto mais bárbaros forem os nossos métodos, mais depressa liquidaremos o inimigo. O tempo, este sim, é um fator importante na escala dos valores da guerra. Para abreviar o caminho da vitória somos forçados a abreviar as imposições da nossa consciência. Uma consciência de Paz, na Guerra, é o primeiro caminho para o suicídio. Temos uma consciência especial, forjada no mesmo aço dos nossos canhões.

— E daí?

— Zingg não poderá escapar. Quarteirões inteiros estão sendo cercados. Não entra nem sai viva alma. As casas são vasculhadas uma a uma. Verdadeiro exército foi posto neste serviço. Zingg está perdido.

Desceu até o tapete onde eu estava sentada e colou sua boca na minha. Chamou-me a si e pôs-se a sussurrar no meu ouvido coisas que podiam ser enternecedoras. Subitamente falava em rosas, auroras, gosto de Eternidade. Não era burro, o general. Só muito pouco viril. Deixava-o à vontade, por causa do automóvel oficial de que precisava. Mas, onde estaria Zingg, àquela altura? Quais os "*maquis*" presos? Conseguiria meu bom Zingg escapar ao cerco, fugir à caçada nazista?

O general me beijava agora o pescoço. Eu estava arrepiada com a simples idéia de que Zingg talvez estivesse, em alguma parte, enjaulado, acuado como uma fera. O general tomava meus arrepios com outro sentido. E ficava

muito vaidoso... eu sei. Agora me segurava as pernas, e, mordida-as, caninamente. Eu estava suando, de medo. O general interpretava tudo a seu favor.

“*E se Zingg resistisse à prisão? — eu pensava. — Uma bala poderia cortar o fio daquela vida que para mim significava muito mais que tudo.*”

Percebi que a brisa de inverno, entrando por um vão de janela, acariciava meu corpo agora inteiramente livre. O general, nos seus ímpetos, me deixara, mais uma vez, nua. Suas mãos se afundavam, voluptuosas e sinistras, pelos meus cabelos. Eu tinha seu pescoço ao alcance das minhas. Um aperto bem dado, e liquidaria o torturador de Paris. Cheguei a alisá-lo. Mas uma lufada forte da brisa e um súbito ruído me detiveram o gesto.

Ouvimos, então, uma voz, como que saída de um sonho distante:

— Levante-se, general filho da puta!

Era a voz de Zingg! Era o próprio Zingg que estava ali! Por menos que meus olhos pretendessem acreditar, Zingg surgia, diante de nós, como a própria estátua da morte. Uma pistola *Mauser* em sua mão tinha o cano agora encostado à cabeça do surpreendido general Stupnaggel. Nos lábios do comandante de Paris as palavras ficaram geladas e suspensas como estalactites.

— Vai ficar sentado muito quietinho, general! — continuou falando Zingg. — Não gostaria de ver agora a cor dos seus miolos.

Voltou-se para mim, com os olhos frios e a voz cortante:

— Quanto a você, sua cadela nazista, esconda essa propriedade dos alemães com isto.

E atirou-me sua capa. Envolvi meu corpo nu, aquietando-me numa poltrona. Os olhos do general pareciam braseiros.

— De que adianta olhar-me desse jeito mau, meu general? — ironizou Zingg. — Vai obedecer-me como uma criança. Fará tudo cegamente.

Só então o general-comandante de Paris recuperou a voz, ou a vontade de falar:

— Pagará por isto, com a vida!

— Há muito que estou condenado, meu general! — fez Zingg, cada vez mais frio. — Agora a vez é sua.

— Que deseja de mim?

— Coisa simples. Uma quantidade razoável de salvo-condutos para alguns amigos meus saírem da zona ocupada.

— Não assinarei.

Zingg mexeu com a arma. Suas palavras pareciam as de um carrasco, quando disse, solenemente:

— General Stupnaggel, estou falando sério. Matá-lo será um prazer dos mais finos. Não o farei, para evitar represálias contra o povo de Paris. Contudo, juro por Deus, juro pela França, juro pela minha honra, que estourarei seus miolos com esta arma se no prazo de cinco minutos ainda não estiver disposto a escrever o que eu vou ditar.

Stupnaggel olhou para ele. Parece que o rosto de Zingg não deixava muitas dúvidas. Abaixou a cabeça. Afirmou que daria os salvo-condutos. Mas tentou fazer a última negaça:

— Não tenho comigo o papel timbrado.

— Vou revistá-lo.

— Acha que carrego uma tipografia no bolso?

— Sei do seu velho hábito de distribuir salvo-condutos entre vacas iguais a essa...

Zingg olhou para mim com asco. Não concluiu a frase. Não era preciso. O general tirava do bolso o papel adequado e escrevia sobre os talões os nomes que Zingg ia ditando. Foi quando a campainha soou.

— Quem é? — perguntei, gritando.

Lá embaixo veio a resposta: — Sou eu. O coronel Oetting.

* * *

No exato instante em que a campainha soou, Zingg rapidamente tornou a comprimir o cano da pistola contra a cabeça de Stupnaggel. Seu olhar frio dizia bem claro: uma palavra do general e, adeus.

— Fale apenas você. — ordenou-me em voz baixa. — Dê uma desculpa qualquer, arranje-se. Mas não o deixe entrar.

— E se eu não fizer? — indaguei, simulando resistência.

— Morre o general e morre você. — o tom da resposta não deixou dúvidas.

— Como é, Giselle? Abre ou não abre? — Oetting insistia lá embaixo.

— Não posso! — gritei. — O general está aqui.

Mas Oetting não se deu por vencido.

— Mentira! Deixei-o no hotel. Abra assim mesmo. Quero falar com ele.

Por essa eu não esperava. Dentro do quarto a tensão cresceu. Observei Zingg, seu olhar firme, e Stupnaggel. Tive a impressão de que a cabeça do general curvou-se um pouco, o que certamente correspondia a um aumento de pressão da arma.

Então Zingg, falando mansamente, exigiu algo que me pareceu totalmente absurdo:

— General, se quer uma vida longa, se tem algum apreço aos prazeres que ela ainda lhe pode proporcionar (percebi que me olhava de soslaio), mande-o embora, já. Despache-o.

Aconteceu o que eu não supunha possível. Stupnaggel decidiu-se. Certamente sentiu que Zingg não estava blefando e a proximidade do cano da pistola não era uma ilusão. Sua voz saiu insegura mas não o suficiente para que despertasse suspeitas.

— Oetting, procure-me amanhã, em meu gabinete. Eu... — uma leve pausa, Zingg quase sacudiu-lhe a cabeça com a arma. E o general logo prosseguiu, mais disposto a obedecer e a fazer-se obedecido: — ...agora quero que me deixe em paz! Amanhã conversaremos.

Houve um instante de silêncio, em que eu mal podia respirar e procurava ocultar a emoção do momento. Os três ouvimos os passos de Oetting, cadenciados, distanciando-se, perdendo-se na rua. A custo pude disfarçar a alegria, a sensação de alívio que me inundou a alma: Zingg estava salvo. Não tive muito tempo para apreciar o episódio. O diálogo recomeçou:

— Muito bem, general. Sou obrigado a convidá-lo para dar um passeio — disse Zingg. E, voltando-se para mim: — A senhorita também.

Com a voz marcada pelo sarcasmo, explicou:

— O almoxarifado do exército alemão vai mudar-se por algum tempo.

— É necessário usar essa linguagem? — repliquei em tom irritado.

Olhou-me em silêncio alguns segundos.

— Quer me dizer que se ofendeu? Se insistir, talvez eu acabe acreditando. E explodiu em violência desbocada. — Uma reles prostituta, de encomenda para o paladar nazista! Uma francesa muito sem-vergonha.

Abaixei a cabeça, sem uma palavra. Sabia perfeitamente que tudo não passava de encenação para não comprometer-me em sua audaciosa invasão de minha casa e no seqüestro do general Stupnaggel. Mesmo assim, sentia-me pouco à vontade: Zingg sabia ser excelente ator.

— Lá embaixo há um carro oficial estacionado. De quem é?

Não respondi logo. Queria representar também a minha parte. Zingg aproximou-se, a pistola na mão, como se estivesse disposto a agredir-me. Stupnaggel moveu-se ligeiramente.

— Fale! Fale de uma vez, se não quer que eu faça alguns estragos nesse material tão precioso... para os nazistas!

— O general pôs o carro à minha disposição — respondi.

— E o motorista?

— Não o conheço.

Em breves passadas, Zingg estava novamente diante de Stupnaggel. Com o cano da pistola levantou-lhe o queixo. Falou clara e lentamente:

— Preste muita atenção, Stupnaggel. Sairemos os três. Sairemos como se fôssemos velhos amigos. Velhos amigos, entendeu? Se o motorista se aproximar, diga que não necessitamos dele e que eu irei dirigir. Mostre-se tranqüilo. Dispense-o por esta noite. — depois de uma breve pausa, continuou, acentuando cada palavra: — Mesmo que nunca tenha trabalhado em teatro, terá de revelar-se agora um excelente ator. Um sinal, uma palavra errada, não tenha dúvidas: será o final de sua vida.

O general conservou-se mudo. Mas tudo parecia indicar que cumpriria à risca as instruções. E descemos os três. O motorista, pelo menos aparentemente, não estranhou a ordem de Stupnaggel que foi incisivo e mal o olhou. Era militar alemão, habituado a não titubear quando soavam as palavras de um superior. No caminho, dois oficiais e um grupo de soldados nos prestaram continência, a que Stupnaggel respondeu. Ia sentar-se na parte traseira do carro mas Zingg, a meia-voz, disse-lhe que não o fizesse.

— O general dará a este humilde francês a honra de sua companhia.

Stupnaggel obedeceu.

Durante todo o tempo em que havíamos descido a escada e mesmo enquanto entrávamos no carro, Zingg o mantivera sob a mira de sua arma, oculta sob a capa.

— Eu o matarei como a um cão, ao menor gesto suspeito — dissera-lhe, sorrindo.

E o general não tinha por que não acreditar. Comportou-se às mil maravilhas, provavelmente com o pensamento agitado em mil conjecturas, buscando desesperadamente uma forma de escapar à terrível situação em que se encontrava. Mas o amor à pele, felizmente, foi mais forte que o seu espírito de iniciativa. No carro, Zingg dirigia com a mão direita, habilmente, enquanto com a esquerda sustentava a pistola, já agora descoberta, voltada para o ventre do general. Rodávamos na direção dos Champs Elysées. Numa das primeiras esquinas o carro parou bruscamente e um vulto surgiu quase correndo.

— Tome a direção — ordenou Zingg ao homem que se aproximara, certamente um "*maquis*". E acrescentou, algo divertido: — Eu me encarrego de proteger o grande general Stupnaggel.

Quase de um salto, passou-se para o banco traseiro, vindo sentar-se ao meu lado. Durante duas horas corremos. Somente duas vezes fomos interrompidos pelas patrulhas nazistas. Mas, à vista da chapa do carro, deram-nos imediatamente passagem livre. Eu não sabia para onde nos dirigíamos, procurava identificar as estradas, mas sem êxito. Por fim, entramos por um atalho e, após meia hora de marcha, estacionamos em frente a uma casa campestre. Stupnaggel parecia dormir. Saltamos todos e Zingg dirigiu-se ao general.

— Quer ter a bondade de descer?

Stupnaggel continuou imóvel. Zingg sacudiu-o. Inutilmente.

— Será que está morto? — perguntou o homem que viera dirigindo.

Zingg levantou as pálpebras de Stupnaggel e examinou-lhe os olhos.

— Não, não está morto. Está apenas desmaiado. — E com ironia: — Grandes homens tem o exército nazista!

Mas aquele não era um grande homem.

* * *

Um quarto pequeno foi posto à disposição de Stupnaggel, que depois de breve tempo se reanimara. Zingg explicou:

— Não pretendemos retê-lo por muito tempo, general. O suficiente apenas para que os nossos companheiros possam utilizar os salvo-condutos que teve a grande gentileza de nos oferecer.

— Pagarão por isso! — esbravejou Stupnaggel.

Aparentemente havia recobrado um pouco da sua escassa coragem e pretendia impressionar. Zingg, entretanto, seria o último dos alvos indicados para aquela exibição tardia.

— Sinto muito. Sinto, mesmo, não me ser conveniente estrangulá-lo agora. Garanto-lhe, general, que eu saberia fazê-lo com brilho, com capricho. Estaria realizando um velho sonho meu.

Havia-se aproximado tanto e suas mãos estavam tão crispadas, como se fizesse um enorme esforço para controlá-las, que o general recuou um passo e tornou-se mais pálido. Julguei que fosse desmaiar novamente. Mas Zingg deu rápida meia-volta e continuou a falar, desta vez sem ódio na voz:

— Tranqüilize-se. Por enquanto, só terá de aceitar a companhia de três companheiros nossos. Talvez não lhe

sejam agradáveis. Mas garanto-lhe que o sacrifício deles será maior que o seu. Nossos três homens dormirão em seu quarto. Por amor à França, general. Eles não o perderão de vista um só instante, revezar-se-ão em turnos. Boa noite, general. — Voltou-se em seguida para mim e ordenou a um dos "*maquis*" — Vigie essa flor putrefata.

O homem que recebeu a incumbência levantou-se e me conduziu pelo braço a outro quarto. Saiu, trancando a porta. Durante algum tempo fui envolvida pelo silêncio. Sentei-me numa cama. Estava exausta e ansiosa. Não podia sequer ordenar os pensamentos, depois de todos aqueles momentos de tensão e dolorosa expectativa em que a vida de Zingg e outros franceses da Resistência estiveram por um fio. Momentos após, ouvi a porta abrir-se e Zingg entrava. Descrever o que se passou não é nada fácil. As emoções fortes costumam dificultar o registro de minha memória. Zingg praticamente atirou-se sobre mim, como um alucinado. Beijava-me, beijava-me, freneticamente, os braços, o pescoço, o rosto, a boca, os olhos. Depois aquietou-se.

— Não fale agora, Giselle.

Sentou-se na cama e puxou-me o corpo fazendo com que eu ficasse sobre os seus joelhos.

— Que vontade eu tive, Giselle, de beijá-la quando estávamos diante daquele nazista. Tive ímpetos de fazê-lo. Seria uma catástrofe, nossos planos iriam todos por água abaixo. Só isso me conteve, Giselle.

Com a mão esquerda levantou minha cabeça até que seus lábios tocassem os meus. E um beijo foi crescendo, a pressão aumentando, como se o desejo o levasse à idéia

louca de misturar numa só as nossas bocas. De repente, deixou minha cabeça pender, puxou um travesseiro e aconchegou-a.

— Zingg, quanto tempo ainda vai durar tudo isso? Zingg, não poderíamos sair da França? Por Deus, não poderíamos?... Zingg, meu querido, estou cansada. Não vê que essa "gloriosa" missão de servir de repasto aos nazistas está me liquidando, está me inutilizando?

Zingg, contra a minha expectativa, foi rápido e seguro na resposta:

— Não podemos parar, Giselle. Infelizmente não podemos. Todos os nossos planos, o nosso sistema de informações, tudo se baseia no seu trabalho.

Aquela palavra "trabalho" quase me fez romper numa gargalhada amarga. Mas Zingg, sem me olhar, continuava:

— Milhares de companheiros nossos seriam sacrificados.

— As informações que temos enviado adiantam tanta coisa assim? — indaguei-lhe.

— Estamos prejudicando sensivelmente o abastecimento das forças nazistas. Só aquela notícia do embarque de um comboio de tropas e munições para a zona de Calais valeu a vida de muitos franceses sacrificados na Alemanha. Duzentos homens da Wehrmacht foram mortos, graças a você, Giselle.

Não me dei por vencida. Tinha argumentos.

— Zingg, aqueles nazistas que freqüentam a minha casa, muitos deles estão ansiosos por certas novidades. Já os ouvi dizer que gostam de adolescentes. Se fosse possível...

Só o quase desespero podia ter-me levado a uma sugestão dessas. Mas eu a fiz. Zingg, porém, não se mostrou nem um pouco escandalizado.

— Tratarei disso. Depois mudou de assunto.

— Que notícia me dá de Delly?

— Vai bem. Contou-me tudo.

— Salvaram-me, ela e a mãe. Penso que Delly ainda não sabe o que sucedeu ao pai.

— Morreu?

— Fuzilado. Os nazistas o consideraram inútil, imprestável para o trabalho escravo na Alemanha. Foi incluído na lista de reféns. Quando chegou a sua vez, morreu valentemente.

— Pobre Delly. – Lamentei.

— Quando tiver oportunidade, conte a ela o que se passou com o pai.

— Sim. Terei de fazê-lo.

Zingg levantou-se enquanto eu procurava ajeitar o cabelo.

— Agora, Giselle, vamos sair por outra porta. Não quero que Stupnaggel ouça os nossos passos.

— Para onde iremos?

Ele me olhou. E num momento percebi que havia amor naquela maneira de fitar-me.

— Giselle — disse tranqüilamente -, perto daqui existe uma igreja. O padre nos espera.

Enlaçou-me. Seus braços fortes eram como anéis de ferro a envolver-me.

— Temos corrido um sem-número de perigos. Várias vezes estivemos à beira de morrer, um longe do outro.

Breve nos separaremos. Por isso quero que se case comigo, Giselle.

Senti um torpor estranho invadindo-me o corpo. Não sabia se devia rir ou chorar. De felicidade, sim. Mas de uma felicidade que me parecia absurda. Afinal, Zingg sabia de tudo a meu respeito.

— De tudo. — Foi a única frase que consegui articular: — Zingg, você sabe de tudo...

O que ele me disse então foi surpreendente. Olhava-me com ternura e vigor.

— Esqueça-se. Nenhum nazista a possuiu. E nenhum dos que ainda irão dormir em sua cama realmente a possuirá. Tudo isso não tem a menor importância, nada significa. Para mim você é a mais pura, a mais nobre, a mais adorável de todas as virgens existentes na terra de França. Eu a quero. Eu quero realmente que você seja minha mulher.

Sáímos. Um vento de inverno nos batia no rosto. Sabia-o, mas não o sentia. Carregava dentro de mim uma chama sagrada.

Meu casamento celebrou-se na pequena casa de um lenhador, em plena floresta, numa noite que me pareceu uma das mais densas que já vira em França. Chovia e um vento selvagem sacudia os galhos das árvores. Nossa música era um coro de trovões, mas me senti feliz, realmente feliz, apoiada no braço de Zingg, agora meu marido, quando fazíamos a viagem de volta. Dois "*maquis*" tinham servido de testemunhas e foram os únicos, além do padre, a nos desejar felicidades.

Terminada a rápida cerimônia, vestiram as capas e partiram. Apesar do ambiente pesado, quase sinistro, daquela noite tempestuosa e negra, recordo esses momentos como os mais doces de toda a minha agitada vida de espia. Enquanto dirigia o carro pela estrada que a chuva torrencial tornava quase invisível, Zingg, a fisionomia preocupada, ia falando.

— A esta hora toda a França deve estar sendo varejada pelos agentes nazistas em busca do comandante militar de Paris. Giselle, precisamos evitar que centenas de reféns sejam sacrificados. Tão logo nossos homens alcancem o outro lado da fronteira, libertaremos Stupnaggel.

Ele falava sem me olhar, observando atentamente a estrada. A qualquer momento poderíamos ser surpreendidos por uma patrulha. Mas chegamos sem incidentes à casa onde o general continuava nosso prisioneiro. Não saltamos

imediatamente do carro. Zingg desligou o motor e voltou-se para mim.

— Giselle...

— Sim?

Fitou-me com imensa ternura, tomou-me as mãos, beijou-as.

Depois continuou falando, como se cada palavra lhe custasse um imenso sacrifício:

— Giselle, meu amor, vou ser obrigado a fazer a última coisa que desejaria neste mundo. Tenho de livrar você de qualquer suspeita e para isso teremos de representar a parte pior desta comédia: um drama à parte. Deixarei você amarrada no quarto e...

— Diga.

— ... terei de feri-la. Parecia desesperado consigo mesmo. Mas num instante voltou-se para a frente, os olhos fixos no pára-brisas embaçado, retesou-se no assento. Sua voz soava metálica.

— É um golpe audacioso, eu sei. Não podemos abrir mão de seu concurso a esta altura dos acontecimentos. Tudo se precipita. Dizem que os Estados Unidos não tardarão a entrar na guerra e desembarcarão forças na Europa, abrindo uma Segunda frente. Agora, mais do que nunca, é preciso sustentar uma boa equipe de informantes.

Virou-se para mim, levantou os cabelos que me caíam sobre os olhos, beijou-me suavemente a boca. Que diferença dos beijos animais dos soldados nazistas!

— Para muitos, Giselle, você não passa de uma prostituta. São os que não conhecem todo o seu enorme sacrifício pela França.

Abaixei a cabeça. Apesar de tudo, a simples menção de minhas "aventuras" como parceira animal dos nazistas tornava-me deprimida, envergonhava-me, fossem quais fossem os motivos. E — oh, ironia! — era meu marido que ali estava a reavivar minha vergonha, era o único homem a quem eu realmente amara...

— Zingg, não acha que chega? Estou cansada, Zingg! Se eu vivesse cem anos purificando-me não chegaria a sentir-me livre de toda a sujeira que me veio dos corpos desses nazistas. Não acha que outras mulheres deveriam agora ocupar o meu lugar? Ele abanou a cabeça, tristemente.

— E quem ocuparia o seu lugar? Sei de nazistas que quase endoideceram à espera de um momento em que você estivesse livre para atendê-los. E qual a outra mulher com sua inteligência unida de maneira tão perfeita às formas admiráveis de seu corpo? E esse equilíbrio que existe em você, a mente e o físico num mesmo nível, o principal fator com o qual os homens ficam desnorteados e à sua mercê? No fundo, Giselle, eles sentem a sua superioridade e querem vencê-la, querem que você suspire por eles, debata-se de prazer nos seus braços. Nessa ânsia de tornarem-se fortes perante você, gabam-se a si mesmos, revelam seus segredos, ficam presos na própria volúpia que querem despertar. Sua fama já percorreu o mundo alemão... Você é conhecida agora em todos os países ocupados pelas forças nazistas. São muitos os soldados da Wehrmacht na Rússia, na Polônia, na Noruega e até mesmo em Berlim que sonham com uns dias de férias em Paris. E nesses devaneios, esta capital assume a forma de uma mulher que se transformou

em mito e que eles desejam ver chamando-os de "meu amor" entre gemidos. Já não dizem "visitar a França", mas sim "visitar Giselle".

Aquelas palavras de Zingg foram decisivas para mim. Afinal, não deixavam de encerrar uma análise, como se ele estivesse procurando influenciar-me de uma maneira diferente das que eu estava acostumada. Sem querer, vi-me fitando o chão.

— Uma coisa quero esclarecer, Zingg. Se pensa que todo o exército alemão passou por meu quarto, está enganado.

— Não, não penso isto. O Estado-Maior quase todo, ao que me informaram — respondeu Zingg com azedume.

— Parece que há censura em suas palavras — observei. — Você se esquece, Zingg, de quem me encarregou dessa tarefa nojenta? E é você que neste momento insiste para que eu continue.

— Compreendo tudo — falou Zingg — e acho que você tem toda a razão.

Olhou para mim com carinho e esboçou um sorriso.

— Perdoe-me esta ridícula manifestação de ciúmes. — O tom da sua voz mudou. — Você não imagina, minha Giselle, quantas noites de sono perdi, imaginando-a nos braços daqueles imundos, dormindo ao lado daquelas bestas humanas, possuída por eles, beijada por eles, quando apenas a presença de um desses animais é um insulto para as mulheres francesas.

Zingg parou de falar, notando que estava de novo deixando-se inflamar pelas suas idéias. Olhou para o alto e depois continuou num tom explicativo.

— Sei que esta é a sua missão e não quero alterar as ordens. Meus sentimentos não devem interferir no nosso trabalho. Somos pequenas partes deste polvo imenso que é o Movimento de Resistência, abrindo seus tentáculos sobre os nazistas na França. E devemos depois apertá-los de tal maneira que eles percam o próprio controle e se debatam desesperados. Aí, saberemos que o fim está próximo. Não podemos ter pena nem escrúpulos. Devemos ter a certeza de que estamos seguindo as leis da Natureza. Agir realmente como o polvo ao enlaçar o ser estranho que invade a sua toca. Representa uma ameaça à sua sobrevivência. Portanto, tem de ser destruído. Da mesma maneira agem todos os outros seres vivos e irracionais. Nós, homens, que somos mais do que isso, quando nos guerreamos do mesmo jeito que os animais, temos de pensar única e exclusivamente em defender nossa própria pele, nossa toca. E a diferença é apenas quando usamos a mente para lutar em harmonia, coordenando nossa maldade e procurando o melhor caminho para atingir o objetivo. Fazendo parte de uma mesma Pátria, somos uma só família, um só corpo. Um golpe mortal na nossa Pátria deixaria inerte todos os membros desse corpo.

Estendeu a mão em direção à floresta: — Há muito tempo, este nosso país foi envolvido por uma noite tão sinistra quanto esta. Os opressores eram também alemães. Foi então que um grito ecoou por toda a França. As florestas se encheram de vozes trovejantes. Era um apelo para que, de cada lar, saísse um soldado, o subúrbio se transformasse em regimento e a cidade em exército. Os camponeses só tinham foices e bordões. Mas, diante deles,

tudo desaparecia. Um mau fuzil é excelente quando o coração é bom, um velho pedaço de sabre é invencível quando o braço é valente.

Recordando a odisséia francesa e a febre de Victor Hugo, Zingg se inflamava.

— Ele ordenava a todos que agissem depressa, que não perdessem um dia, que não perdessem uma hora, e que cada rico, pobre, operário, burguês, camponês, pegasse em casa ou no chão tudo o que parecesse uma arma ou um projétil. Juntasse as pedras da rua, transformasse as valas rasgadas pelo arado em túmulos.

Zingg exaltava-se cada vez mais: — Foi assim que se organizou a tremenda batalha da França. Nada de tréguas, nada de descanso, nada de sono. A guerra tinha que ser feita dia e noite, a guerra das montanhas, a guerra das planícies, a guerra dos bosques. À sombra quente de nosso sol, o colossal inimigo se derreteria como a neve. Os franco-atiradores, através das torrentes, aproveitando a sombra do crepúsculo, serpenteando por entre os precipícios, deslizando, arrastando-se pelo chão, apontando, atirando, ajudaram a exterminar os invasores.

Zingg, inteiramente absorvido pela sua própria eloquência, parecia esquecer que eu estava ali ao seu lado. Dir-se-ia que falava para outros, muitos outros.

E assim continuou: — Em nossos dias também a palavra flamejante ganhou forma e alimentou o Exército da Resistência. Dezenas de pontes são derrubadas, comboios de tropas alemãs voam pelos ares, sentinelas morrem no silêncio das noites. Balas perdidas derrubam oficiais. Carros de generais sofrem misteriosos e fatais acidentes. Tudo não

passa de um vasto plano de sabotagem. Uma peça que se esquece de colocar no freio do carro oficial. Uma carga de dinamite escondida sob uma ponte. Um cigarro aceso posto distraidamente num caminhão inimigo.

Ele se agitava. Com as mãos dava cor às imagens evocadas. A expressão do rosto transmitia o sucesso de cada uma das operações e nos seus olhos havia um brilho definindo o orgulho patriótico.

— Existe também a resistência dos braços cruzados. Menos esforço na indústria, menos esforço em todos os setores de atividade na França. Dizem que até as galinhas botam menos ovos, que as vacas produzem menos leite. Com isto, a vida dos alemães tem sido amarga na França ocupada, e eles esperam a hora da invasão como um condenado espera a hora da forca. Sabem que, mal os aliados coloquem o pé em nossas praias, a massa silenciosa se transformará em torrente e nada poderá contê-la. Por isso, Giselle, nós necessitamos de sua presença entre eles.

* * *

Entramos no quarto. Zingg fechou a porta e eu me dirigi para a cama, sentando-me na beirada. Zingg movimentou-se, agora em silêncio. Trouxe uma velha mala, colocou-a sobre o leito e abriu-a com muita calma. Logo depois apanhou algumas roupas e começou a arrumá-las cuidadosamente. Eu inclinei-me um pouco para poder observá-lo melhor.

— Que pretende fazer? — indaguei.

Respondeu-me sem interromper sua tarefa.

— Irei mais para o interior. Tenho um lar em cada aldeia, em cada cidade, para esconder-me.

— Por que não deixa a França por algumas semanas?
Zingg pôs uma calça na mala, olhou-me balançando a cabeça.

— Impossível agora. Mesmo não o desejaria.

— No exército de De Gaulle você ajudaria muito.

Ele deu alguns passos, depois parou bem perto de mim.

— De Gaulle tem bons oficiais. Precisa que eu esteja aqui, no meu posto.

Sentou-se na cama, ao meu lado.

— Ainda posso dispor de uma hora, Giselle.

Abraçou-me suavemente. Desaparecera o lutador. Ali estava, humilde e carinhoso, o meu amado. Acheguei-me bastante a ele, encostando minha cabeça em seu peito.

— Se eu lhe dissesse, Zingg, que estava mesmo necessitando disto... Há meses que não sei o que é gostar de ser acariciada. Sentia repugnância ao contato das mãos daqueles brutos. Eu sempre...

Já não podia falar. Zingg, também no amor, era impetuoso. E eu gostava que, naquela hora, fosse assim.

* * *

Em plena madrugada, Zingg se decidiu a sair, mesmo enfrentando o forte temporal que desabara. Vozes terríveis desciam da noite que me parecia maldita. Tinha a impressão de que todos os gênios maus se haviam juntado para urrar dentro das trevas. Para onde ele iria? Quais os perigos a enfrentar? Voltaria a encontrá-lo ainda uma vez? Eram perguntas sem respostas. Olhei para Zingg como se o visse pela primeira vez. Queria guardar bem os seus traços. Gravar pequenos detalhes que talvez me tivessem passado

despercebidos. E os minutos pareciam correr mais depressa enquanto os trovões se sucediam.

— Você, Giselle, libertará o alemão daqui a três horas, quando estivermos em segurança. Dirá que conseguiu desatar as cordas que a prendiam. Ah, esquecia-me de um detalhe importante...

Saiu em direção à adega e, minutos depois, voltou arrastando algo que a principio não pude ver. Quando percebi o que era, assustei-me. Zingg trazia o corpo de um homem.

— Este cadáver pertence a um colaboracionista.

Notei que as mãos de Zingg seguravam aquilo como se fosse um traste imprestável. E, por acaso, não o era? Aquele homem havia conseguido infiltrar-se em nosso grupo e, soube mais tarde, pretendia ir a Paris a fim de nos denunciar. Felizmente alguém conseguira descobrir a tempo aquela traição. Zingg olhou-o muito friamente.

— Eu o matei — falou — e o faria dez vezes mais. De qualquer forma, ele nos será útil.

Fiquei intrigada. Não podia atinar com o que Zingg desejava.

— Que pretende fazer?

— Você verá.

Curvou-se novamente sobre o cadáver, segurou-o pelas axilas e continuou a puxá-lo, passando perto de mim. Quando chegou junto à porta, largou-o. Começou então a remexer em suas roupas. De um dos bolsos tirou os documentos de identidade do traidor e guardou-os. Feito isto, Zingg pegou os seus próprios documentos e enfiou-os no paletó do defunto.

— Que está fazendo, Zingg? Olhou-me com ar irônico.

— Zingg agora é ele!

Antes que eu fizesse outra pergunta, Zingg apontou para o corpo.

— Você verá como se desfaz um rosto. Dirigiu-se a um armário, abriu a gaveta e tirou de lá uma dessas pistolas antigas que a gente vê nas gravuras do século XVIII. Examinou-a cuidadosamente e, voltando-se para perto do corpo, estendeu a arma, mirando friamente a cara do morto. Uma explosão violenta agitou a sala. O rosto do colaboracionista virara horrível máscara negra. Entregou-me a pistola.

— Dentro de três horas — disse-me — você dará outro tiro. Vou deixar a arma carregada. Logo em seguida abra a porta do quarto do general e procure libertá-lo depressa. Não existe outro carro, de maneira que terão de fazer o caminho a pé, a menos que encontrem alguma patrulha alemã.

Zingg segurou-me pelos ombros e, olhando-me bem nos olhos, pediu: — Por favor, Giselle, represente como nunca.

— Eu o farei, Zingg. Por você.

Ele fechou rapidamente as pálpebras como se quisesse dizer que reconhecia o significado das minhas palavras.

Depois, ficou mais sério ainda e, continuando a me segurar, disse: — É absolutamente necessário que Stupnaggel não desconfie de você. Terei de marcá-la, Giselle. Nos braços e no rosto, para aumentar os indícios. Perdoe-me. Faço isto com raiva de mim mesmo.

Cravou-me as unhas. A dor aguda quase me fez gritar. Resisti. Respirando fundo, baixei a cabeça e vi o sangue aflorar e correr fazendo linhas vermelhas nos meus braços. Olhei de novo para Zingg. Ele estava pálido. Aproximou-se ainda mais de mim e encostou mansamente seus lábios nos meus. Mal senti o beijo e ele afastou-se um pouco. Depressa, muito depressa, levantou a mão e arranhou-me o rosto. As unhas tinham penetrado profundamente na minha carne. Zingg pegou-me ainda outra vez e, com violência, agitou-me os cabelos, rasgou-me o vestido. Sem me encarar, voltou-se e saiu, batendo a porta. Fiquei alguns segundos parada na mesma posição em que ele me deixara. Fui então acomodar-me à beira do fogão, espiando as horas passarem lentamente, na dança das labaredas.

* * *

No momento certo, levantei-me. Apanhei a pistola, dei uns gritos lancinantes, aparentando uma briga e apertei o gatilho. O tiro fez-me ensurdecer. Lá no chão, os olhos parados e opacos do cadáver pareciam me espiar, rindo daquela farsa. Conforme Zingg me recomendara, corri para o quarto onde o general estava preso. Abri a porta, e devia estar com uma expressão de alucinada, porque, mal deparei com Stupnaggel deitado no chão, todo amarrado e amordaçado, ele me olhou com uma súplica infinita.

Desatei rapidamente as cordas que o prendiam, tirei-lhe a mordaca e gritei: — Depressa, general!

— Obrigado, Giselle. — murmurou ele, jogando as cordas para longe e levantando-se.

— Agradeça depois. Agora é pôr-se a salvo.

Ele passou por mim e, chegando à porta, me fez sinal para que o seguisse. Isso significava que ele já havia retomado a confiança em si mesmo. Era de novo o militar comandando. Caminhei atrás dele. Stupnaggel deu com o cadáver de rosto deformado. Chamou-me para perto.

— Quem é? — perguntou.

— Não sei. A lâmpada estava apagada quando ele entrou. Eu tinha conseguido desatar as mãos e apanhar essa arma velha. Atirei na sombra. Ele caiu sem um gemido.

Aproximando-se mais do corpo, Stupnaggel abaixou-se e começou a examiná-lo. Voltou-se para mim.

— Recebeu dois tiros. Um na cabeça, outro na face.

Eu esperava a pergunta. Mantendo o sangue-frio, não hesitei ao responder, falando de maneira bem natural.

— Quando ele caiu, tirei-lhe a arma e terminei de matá-lo. Se é que não estava morto já.

O general, porém, não estava ainda satisfeito.

— Onde está a outra arma?

Eu tirei-a de um dos meus bolsos.

— Comigo — respondi, mostrando-a. — Vai servir-nos, se formos surpreendidos pelos *maquis*.

Um sorriso brotou do rosto do general.

— Giselle! — disse ele. — Você é um demônio bom. Nunca pensei que houvesse tanta nobreza no coração de uma francesa.

* * *

Sáímos pela floresta, caminhando cautelosamente, evitando a principio o atalho. O general, sempre à minha frente, indicava com gestos controlados os melhores lugares por onde pudéssemos passar sem que fôssemos vistos, caso

por ali se encontrasse alguém. Ao menor sinal suspeito, mandava que me ocultasse. Logo depois, verificando tudo à nossa volta, com um aceno de mão chamava-me e seguíamos em frente. Assim andamos por muito tempo, quase que sem trocar palavra. Finalmente, chegamos à estrada principal e enxergamos um carro de faróis acesos vindo em nossa direção. O general puxou-me pelo braço.

— Ocultemo-nos — mandou. — Podem ser os "*maquis*".

Eu o espiava. Embora procurasse disfarçar, percebera que o nazista tinha medo, muito medo. Desde o início, quando o libertei, o tom de sua voz me soava falso. Sabia que entre nós dois era ele quem deveria tomar, daquela hora em diante, a iniciativa. Mas interpretava mal e deixava transparecer o grande nervosismo interior de que estava possuído. No nosso esconderijo, esperando que o auto se aproximasse mais, eu o via acovardado, vencido, tremendo. Ele, o general alemão comandante de Paris, receando um pequeno grupo do exército subterrâneo. Não era um soldado digno da farda.

— Um carro alemão! — exclamou, subitamente.

Quase sem me esperar, atirou-se ao meio da estrada, de braços abertos, gritando ao auto que se detivesse. O motorista freou violentamente e um oficial que vinha em seu interior desceu, reconhecendo o general. Imaginei que fosse delirar, dando demonstrações de alegria. Não me lembrava de que estava entre alemães. O oficial se endureceu batendo as botas com força, uma de encontro à outra e fazendo uma continência em grande estilo. Após o "*Heil Hitler*" regulamentar, tomamos assento na viatura.

— Esta francesa me salvou de morte certa.

— Está-se procurando o general por toda a França. Ordens severíssimas foram dadas — explicou orgulhosamente o oficial.

— Temos quase dez mil reféns presos desde o momento em que o senhor foi raptado.

Fiquei surpresa e aflita.

— Dez mil? — exclamei.

O oficial fez um ar de completa satisfação.

— Serão fuzilados ao alvorecer. É a hora em que o prazo dado aos "*maquis*" para o reaparecimento do general termina.

Stupnaggel estava recostado e havia uma expressão sinistra em seu rosto.

Não pude deixar de perguntar: — Vai mandar suspender as execuções, general?

Seus lábios entreabriram-se mostrando os dentes cerrados, num sorriso gélido.

— Eu? Eu não as ordenei...

Controlei-me, procurando falar da maneira mais simples possível.

— Mas, se não chegar a Paris antes do amanhecer...

Seus lábios apertaram-se escondendo os dentes. Olhou-me com dureza.

— Chegarei a Paris à hora que me aprouver. — Voltou-se para o oficial e disse num tom categórico: — Não anuncie a minha volta antes que eu o diga.

Subiu-me o sangue às faces.

— General — falei em tom solene — se eu soubesse que procedería assim, teria deixado o senhor naquele quarto.

Ele espantou-se com a ousadia das minhas palavras.

— Posso saber por quê? Enfrentei seu olhar.

— Nunca deixei de ser francesa. Pensa que não me importa a execução de dez mil inocentes?

O general Stupnaggel ficou com seus olhos desbotados virados para mim. Eram olhos sem brilho, parados, impenetráveis. Buscava ler, por certo, o que havia no fundo de minhas palavras, de minhas súplicas em favor dos reféns cujas vidas ele se recusava a salvar, aparecendo na hora certa. Eu não tinha dúvida de que, se antes de despontar a aurora o general comandante de Paris não aparecesse em sua residência ou no quartel-general da Place de La Concorde, as impiedosas metralhadoras alemãs dizimariam os milhares de inocentes de Paris, apanhados indiscriminadamente pelas ruas, à saída dos cinemas, à porta das casas, ou mesmo nas filas de alimentos.

— Se estou intercedendo em favor dos meus patrícios, general — continuei — a razão é muito simples. Embora simpatize com os alemães, embora odeie de morte os ingleses, não quero assistir indiferente ao sacrifício de tantos homens e de tantas mulheres inocentes.

— São meus inimigos, Giselle. E como inimigo eu os devo tratar. Sem a menor contemplação.

De novo seu rosto se contraiu e ele mordeu os lábios com raiva.

— Não viu o que esses miseráveis fizeram comigo? Um bando de "*maquis*" irresponsáveis. Eles representam a França. O coração da França que havemos de fazer parar. Nem que seja necessário esmagá-lo. O meio que temos de dominar os milhares de "*maquis*" que se espalharam entre nós, nas cidades, nas aldeias, dentro de nossas casas, onde quer que passemos, é esse. O jeito é apanhar à solta. E fuzilar qualquer um, sem ligar para os seus protestos. Pagam uns pelos outros.

Respirou satisfeito com os próprios argumentos.

— Afinal de contas, todos são franceses. Se querem morrer pela França, nós lhes damos essa oportunidade. Há beleza no heroísmo dessa sua gente, querendo morrer pela Pátria. Não irei estragá-la. Sou um esteta.

* * *

O carro deslizava pelas ruas de Paris. O general, endireitando-se no assento, levantara a gola da capa até a altura do rosto, cobrindo-o. O oficial virou-se para ele.

— Aonde devemos ir? — quis saber. — Para a Rua du Bac.

Aquilo me provocou uma reação instintiva.

— Minha casa? — intervim, espantada.

— Sim. Dormirei este fim de noite lá. Não quero que me acordem antes do meio-dia.

— Então, está disposto a deixar que os reféns sejam sacrificados?

— Nada tenho a ver com isto. Por que os seus patrícios não refletiram sobre esse ponto antes de me fazerem passar por tantos vexames?

Parou e voltando-se completamente para mim, tornou-se mais suave:

— Você deve compreender, Giselle, que não se faz uma coisa dessas com um general alemão. Se eu deixar passar em branco tal atentado, estará aberto um sério precedente.

Afundi-me no encosto do carro, desolada. O general dava ordens ao oficial para que toda a região onde estava localizada a casa dos "*maquis*" fosse devassada.

— Há um cadáver na sala — explicou ele. — Traga-o para identificação. Ordene, em meu nome, o fechamento de todos os postos de fronteira. Nenhuma pessoa tem autorização de sair da França ocupada para a zona controlada por Vichy. Patrulhas devem ser espalhadas ao longo da fronteira. Envie ordens severíssimas. Todo transgressor será punido com a morte. — Abaixou a cabeça para junto do oficial e concluiu: — O mais importante é que não diga a qualquer pessoa que voltei antes das dez horas.

O carro diminuiu a marcha e se deteve frente à porta de minha casa, à Rua du Bac. Olhei em volta sem a menor emoção. Sentia-me arrasada, sem forças. O general saltou e tirou a chave que eu lhe dera dias antes. Com muito esforço, levantei-me do assento. Não me saía da cabeça o sacrifício que iria ocorrer dentro de poucas horas. E, por mais esforço que fizesse, não conseguia imaginar de que forma poderia evitá-lo. O general, enquanto isso, dava mais instruções ao oficial e recomendava que mandasse uma patrulha reforçada

guardar todo o quarteirão, detendo qualquer elemento suspeito. Tudo isso deve ter durado segundos, mas, para mim, esses segundos cresceram. O tempo dos angustiados é sempre mais denso.

— Agora podemos subir, Giselle — disse o general.

* * *

Girou a chave na fechadura e esta fez um ruído quase imperceptível. Imediatamente, ouvimos a voz do coronel Oetting, lá de dentro, perguntando assustado:

— Quem é? Responda antes ou faço fogo.

— Sou eu! Stupnaggel.

— Ah, meu general! — e a porta foi aberta, aparecendo Oetting efusivo e ardente.

— Que receio de que esses miseráveis "*maquis*" lhe tivessem causado algum mal, Mas, você também, Giselle!

E sorriu para mim. O general botou a mão no meu ombro.

— Graças a ela conseguimos escapar. Mas onde está aquele conhaque?

— Vou buscá-lo depressa!

Oetting saiu correndo, ridículo em sua subserviência.

O general deu alguns passos e afundou-se numa poltrona, cansado dos últimos acontecimentos.

— Aproxime-se, Giselle.

Fiz-lhe a vontade.

— Sente-se aqui. — E apontou os seus joelhos.

Mais uma vez obedeci. Ele deu-me uma palmadinha na perna e ficou olhando para mim durante alguns instantes, silenciosamente. Depois, soltou um profundo suspiro e falou com um ar sério.

— Giselle, tenho uma proposta. Se você é realmente a mesma francesa que se amargura porque os seus patrícios vão ser fuzilados, não deixará de aceitar o que lhe vou oferecer.

Recobrei as esperanças.

— Um acordo sobre os reféns?

— Exatamente.

Procurei ficar bem calma. A situação exigia muita objetividade.

— Quais as condições?

— Para que eles não morram?

— Para que eles sejam postos em liberdade.

— Uma condição só.

Houve uma breve pausa. Percebi que o demônio do general não tinha muita pressa em continuar falando. Mas eu... eu sim. Aquilo era o que de mais importante poderia acontecer na face da terra, para mim, naquele momento. Rompi o silêncio.

— Estou esperando.

— Vou para a Alemanha. Quero-a comigo.

Estremeci. Passaria meses em Berlim ao lado daquele animal, longe de meus amigos, fora da França, almoçando, jantando e dormindo com alemães. Era além das minhas forças. Pensei numa recusa formal, imediata mas, diante de meus olhos, desfilavam os reféns a caminho do muro.

— Aceito, general. — E acrescentei: — É um velho desejo rever a Alemanha.

Ele estendeu o braço, apanhou o telefone e, calmamente, pediu que o ligassem com o Quartel-General.

* * *

Nessa madrugada tive um sonho horrível. O general roncava a meu lado e quase despertou com o meu susto. Vi, no pesadelo, o corpo de Zingg, ensangüentado, atirado a uma sarjeta. Estava nu. Um exército de alemães gordos desfilava. Passava, calcando-o com as botas. No sonho, vi-me inteiramente despida, correndo em direção ao meu esposo. Os alemães bestiais me seguravam e a estranha e macabra procissão se desviou do corpo de Zingg. Agora era o meu que eles massacravam, pisando-me o rosto, os seios, o ventre. Eu me debatia inutilmente. Os pés se sucediam. As botas vinham ao meu encontro e continuavam a passar sobre mim. O sangue espirrava pelos olhos, pelas narinas, saía-me pelos dedos. Todo o meu corpo se transformava numa pasta sangrenta.

— Monstros! — eu gritava.

E apenas as suas gargalhadas históricas me respondiam. Viraram-me de costas e a bota de um alemão afundou-se de maneira ainda mais cruel na minha carne. Acordei com um grito. Stupnaggel dormia como um santo e havia em seu rosto um vago sorriso. Que se passaria na mente daquele homem? Que terríveis e desgraçados planos teria ele em seus sonhos de vingança? Passei o resto da noite de olhos abertos. Sentia uma angústia profunda. Afastara-me um pouco de Stupnaggel a fim de não sentir o contato de seu corpo. E, enquanto o tempo passava, aquelas imagens que me fizeram acordar voltavam a atormentar-me. Que amargas previsões simbolizavam o meu espantoso pesadelo?

* * *

Não pude mais conciliar o sono. Às primeiras horas da manhã, foi-me comunicado que os dez mil franceses tinham sido postos em liberdade. Seria verdade? Ou os alemães outra vez estariam pregando à França uma de suas monstruosas e irreparáveis mentiras? Felizmente, mais tarde, algo veio dissipar minhas dúvidas. Quando me preparava para o almoço, pouco antes do meio-dia, um aviso chegou às minhas mãos. As palavras eram poucas, mas muito significativas:

"Êxito. Libertados reféns. Companheiros atravessaram fronteira. Prossiga. P. Z."

O coronel Oetting surgiu no quarto trazendo uma bandeja de chá. Que papel nojento e mesquinho o daquele oficial alemão. Todos sabiam que ele era o meu amante. O homem que mantinha a casa. O que pagava as contas. O que assumia a responsabilidade de todas as despesas. Sua cara, entretanto, ao servir-me a primeira refeição, enquanto o general Stupnaggel se banhava placidamente em água morna, no compartimento ao lado, era a mais cínica.

— Vemos a nossa Giselle transformada em heroína — disse ele.

Eu não pude encontrar um traço de ironia, mesmo leve, em suas palavras, no tom de sua voz. Indaguei, porém, fazendo com que não percebesse que a sua frase e o seu modo de dizê-la haviam-me feito desconfiar de alguma coisa.

— Heroína por quê? Ele respondeu imperturbável.

— Salvou o general.

"Da morte certa" foram os termos que ele usou.

— Até o senhor eu salvaria de uma execução fria.

Oetting balançou a cabeça de uma maneira a demonstrar que algo o fizera aproveitar aquela oportunidade para uma conversa franca comigo.

— Afinal, Giselle, quero que você decifre um mistério que nos atormenta.

— Fale.

— Todos nós, oficiais do Estado-Maior, sabemos que você trabalhou para os "maquis".

Creio que nem ao menos pisquei os olhos. Estava absolutamente consciente de mim mesma.

— É a pura verdade.

Ele, plantado no mesmo lugar, procurou apertar o cerco.

— Forneceu elementos de primeira ordem ao Movimento de Resistência.

— Também é verdade.

— Planejou ou ajudou um atentado contra o "*führer*", para quando ele viesse a Paris.

— Isto nego.

Ele deu dois passos em minha direção.

— Aliás, você nunca admitiu este ponto. Desconheço a razão.

Olhei-o profundamente nos olhos e falei bem pausadamente.

— Porque é falso.

— Muito bem. De qualquer maneira, figurou na vanguarda dos "*maquis*".

— Figurei.

— Presa, julgada, foi condenada à morte.

— Não me executaram. Agora quem desconhece o motivo sou eu.

— Tínhamos um plano, o fato é que, depois de muito negar, um dia você resolveu começar a falar. Abriu o bico alegremente como um passarinho. Falou. Denunciou. Apontou nomes. Até um dos grandes elementos dos "*maquis*", Max Jacob, poeta da França, você entregou aos alemães. Que poderosas razões íntimas obrigaram ou conduziram a formosa parisiense a agir dessa forma?

Examinei minhas unhas enquanto respondia: — Simples. O amor à vida.

— Apenas isto?

Mirei-o divertidamente. Tinha certeza de que ele não me pegaria.

— E a certeza de que nada poderá deter a vitória total das forças nazistas.

Ante a minha convicção, ele retrucou.

— Deus está conosco.

— Ou o diabo. Seja como for, a avalanche destrói tudo. O rolo compressor passa sobre cidades e países. Breve a Inglaterra estará vencida. Sou moça ainda, Oetting, e não estou aí para sacrificar-me bestamente. O mundo é dos vencedores.

Ele ficou contente e admirado.

— O bom senso falou por si, Giselle. Quero, apesar de tudo, dar-lhe um conselho que você seguirá se quiser.

— Aceito-o desde já.

— Tenha seus amantes, seus companheiros de uma noite, seus parceiros nesses jogos amorosos. Não arranje

nada de definitivo. Seja quem for, corte-lhe a esperança de uma longa permanência ao seu lado.

O general Stupnaggel, no banheiro, cantava alegremente. Oetting, de repente, pareceu perceber sua proximidade e, baixando a voz, disse:

— Não excludo dessa minha advertência os próprios generais.

* * *

Ajoelhou-se sobre a cama onde eu estava deitada. Agarrou-me sofregamente o rosto e fixou seus olhos em mim.

— Giselle, eu sei que Stupnaggel será transferido ou ficará algum tempo na Alemanha. O "*führer*" mandou chamá-lo. Ele vai pedir que você o acompanhe. Apertou-me as faces com as mãos nervosas. Seu rosto se contraiu e pareceu-me haver nele um ar de menino contrariado.

— Não vá, Giselle!

— Que posso fazer? — perguntei. — Tenho forças para recusar? Com uma ordem, com um levantar de dedos, ele poderá ordenar a minha morte.

Oetting estava a ponto de suplicar.

— Ele está quase apaixonado por você. Basta que finque o pé e recuse: Ele acabará conformando-se.

— Não, você se engana redondamente. Creio que o conheço mais do que você. Não fará isto. Não desistirá de mim.

O coronel pulou da cama. Não se ouvia mais a voz do general. Fiquei gelada e creio que Oetting deve ter ficado muito mais. Stupnaggel tinha aberto a porta do banheiro e sua figura reunia um pouco de Mefistófeles e de Sancho

Pança. Nos trajes em que chegara ao mundo ele se apresentava agora, com seu ventre arredondado e sua face inflamada de ódio. Seu dedo em riste apontava para o coronel. Este, pálido e trêmulo, não conseguia dizer uma palavra.

— Um traidor ordinário é você, Oetting.

— Meu general... — pôde murmurar, finalmente, o coronel.

— Cale-se. Não quero explicações.

— Desejo apenas que me perdoe.

— Perdoe? Ahn, vemos agora o homem, que há alguns minutos falava grosso, aí curvado e humilde.

Um vestígio de dignidade agitou o coronel a estas palavras.

Levantou a cabeça: — Meu general, acaso não tenho o direito de possuir uma mulher? Serei obrigado a reparti-la?

— Vai discutir o assunto? Ou prefere o silêncio?

* * *

Desde esse dia, o coronel Oetting desapareceu de minha vista. Nunca mais ouvi falar em seu nome, a não ser meses depois, da boca de outro coronel alemão. Oetting fora transferido para a Rússia e morrera em Rostov, na contra-ofensiva dos russos. Durante alguns dias, o próprio Stupnaggel não apareceu. Fiquei sozinha na casa, pois também as pequenas andavam assustadas com os últimos acontecimentos e preferiam esperar. Somente Delly veio.

“*Giselle* — veio logo dizendo minha companheira de infortúnio — *eu fui despejada do meu lugar no Quartier Latin. Um simples quarto alugado por uma senhora, na ausência do morador, que estava prisioneiro dos alemães.*

Hoje ele apareceu. Eu estava deitada, quando a porta se abriu. Mal tive tempo de puxar os lençóis. No entanto, para minha surpresa, ele foi logo dizendo:

— Sou pintor e não me entusiasmo por nus.

— Quem é o senhor? Que deseja aqui?

Ele botou as mãos na cintura e disse num tom de mofa:

— Lindas perguntas. Eu moro aqui.

— Mora aqui?

— E a senhora?

— Aluguei este quarto.

— Estou percebendo a confusão. Esclareço tudo. Até a mobilização, esta água-furtada servia-me de residência. Foi quando a senhora apareceu e naturalmente alugou este quarto. Quer uma prova?

Mostrando já conhecer muito bem o quarto, caminhou em direção a uma arca que eu nunca abrira. Tirou uma chave do bolso e torceu-a na fechadura. Abriu a tampa, revolveu umas coisas no fundo da arca e apanhou uns retratos amarelos trazendo-os até perto, a fim de que pudesse ver.

— Este sou eu — e apontou a figura de um rapaz, à margem do Sena. — Esta é Jacqueline — e mostrou uma figurinha de "midinette" que o admirava. — Agora que estamos apresentados (falava ao mesmo tempo em que se sentava na cama), podemos conversar com alguma intimidade?

A surpresa tolhia-me os movimentos. Ele segurou numa das mechas de meus cabelos e, inclinando-se ainda mais, cheirou-a. Já estava encostando muito em mim e eu queria reagir, embora estivesse indecisa, de tal modo ele

me impressionara. Quando procurou abraçar-me, a senhoria, abrindo a porta, disse, gravemente: — Afaste-se dela, Mouchet. É uma franga dos alemães.

— Você, que se chama alguma coisa. Arrume seus pertences, e rua!

— Meu nome é Delly.

— Uma suja igual a você não tem nome. Apresse-se.

— Não pode mandar-me embora.

— Ah, não posso? Vejamos.

Apanhou a minha mala e sem hesitação se aproximou da janela.

— Não faça isto — não havia súplica nenhuma em minha voz. — Não faça isto. Eu sairei.

Mouchet susteve o gesto. Descansou a mala no chão e ficou novamente esperando.

— Quero que você saiba de umas verdades — fui dizendo, enquanto arrumava as minhas roupas.

Ele não respondeu. De braços cruzados, frio e imóvel, parecia uma estátua da Justiça que eu vira no Museu do Louvre, numa exposição realizada antes da guerra.

Mesmo assim, não me deixei perturbar e continuei falando: — Não sou traidora, nem me vendi aos alemães. De fato dormi com alguns deles.

— Chega! — ele gritava.

— Chega, sua porcaria, sua miserável sem pudor. Uma francesa dizer essas coisas, dizer que teve um alemão

por amante, com uma naturalidade assim. Vamos! Vamos! Fora daqui! Deixei-o terminar.

Sem levantar a voz, prossegui: — Dormi, sim, não com uns poucos. Dormi com muitos alemães. Estou juntando dinheiro para livrar meu pai da execução. Um oficial nazista me prometeu a liberdade do velho se eu conseguir dar-lhe uma determinada quantia. Posso garantir-lhe que é bem alta. Coisa de muito dinheiro. Faço o que posso.

Mouchet se transformara. Olhava-me agora com olhos espantados de quem se aniquilara, de quem se deixara vencer pela força do argumento. Aproximei-me bem dele, a ponto de nossos rostos quase se encostarem.

— Dou pouco valor ao meu corpo, Mouchet. Dele estou tirando a vida de meu pai.

Levantei a mala e deixei o quarto.”

** * **

— Foi assim que deixei de ter um canto para morar — e Delly abanou as mãos, num gesto de desconsolo. — Você acha que posso me ajeitar por aqui?

Examinei o rostinho de anjo daquela pobre moça. Ali estava uma lutadora. Creio que nenhuma de nós poderia ter maior nojo, maior repugnância pelos oficiais alemães que Delly e, no entanto, rara era a noite em que ela não ia para o "altar-leito do sacrifício", conforme a expressão que ela mesma, ironicamente, usava.

Finalmente, resolvi contar a verdade: — Delly, há algo que você precisa saber já, e que, estou certa, transformará os seus planos inteiramente. Um fato muito grave.

— Um fato grave?

— Sim, Delly. Muito. Seu pai morreu.

Pensei que ela fosse gritar. Estava prevenida para uma crise de nervos. Mas Delly surpreendeu-me. Apenas recostou-se mais ainda contra a poltrona e ficou olhando o vácuo, os olhos muito abertos, os lábios cerrados e um ar de estupidez e incompreensão no rosto pálido. Parecia morta. Não havia uma gota de sangue nas suas faces.

— Nada mais? — conseguiu dizer.

— Nada mais? — perguntei inquieta.

— Nada mais o quê?

— Nada mais é preciso fazer?

Aproximei-me dela.

— A morte andou mais depressa, Delly. Libertou-o antes que você chegasse.

Ela se levantou e foi até a janela. Ficou espiando para fora durante algum tempo. Depois, voltou-se com uma expressão de dureza no rosto.

— Isto modifica meus planos, Giselle.

Dirigi-me de novo para perto dela. Procurei abraçá-la e passei a mão pelos seus cabelos num carinho.

Ela me tranqüilizou: — Sossegue. Não vou chorar. Meu pai não desejaria isto. Alguma coisa eu farei para honrar a sua memória.

Fiquei pensando na geração francesa desta guerra. Jovens temperados no fogo da luta, que não tinham nem tempo para chorar seus mortos, estudando apenas o meio de vingá-los. Delly havia-se acomodado em uma poltrona. Quando se ergueu o fez como se nada tivesse acontecido. Foi apanhar o batom.

— Que vai fazer? — indaguei.

— Breve lhe darão notícias.

A OUSADIA DE FRITZ

Nunca Delly me pareceu tão alegre, tão gentil, tão sedutora quanto naquela noite inesquecível. Todos a olhavam encantados. Os oficiais alemães se mostravam envaidecidos com tantas atenções. Ela sentava-se no joelho de um, beijava outro, ia buscar vinho gelado, servia-o nas taças delicadamente. Às tantas da madrugada, o ajudante de ordens do general Stupnaggel chegou. Eu sabia o que aquilo significava. O comandante militar de Paris já devia estar em meu quarto, absolutamente à vontade, esperando-me.

Um jovem capitão, Fritz Wagner (a quem atribuíam certo parentesco remoto com o compositor das "Walkirias"), puxou-me pelos braços, quando eu ia saindo. No instante em que quis falar para dizer que não podia ficar em sua companhia, ele esmagou sua boca de encontro, à minha. Prendeu-me a respiração. Seu hálito era puro vinho do Reno.

— Não se vá. A festa sem você fica sem graça — pediu o moço.

Percebi que, ao fundo, um dos oficiais sussurrava qualquer coisa ao ouvido do capitão. Mais uma vez pude avaliar o grau de disciplina do soldado alemão, capaz de resistir ao álcool.

Ele se levantou, cambaleante, e desculpou-se: — Mil perdões, madame. Eu não sabia.

— Está sinceramente arrependido?

— Muito mais. Apenas...

Foi a sua vez então de falar-me ao ouvido.

Encostou seus lábios levemente ao meu rosto e disse baixinho: — De tudo me arrependo, menos do beijo. Não haverá por acaso, uma hora vaga?

— O general é vingativo. Quer arriscar-se a um desterro para a Rússia?

— O prêmio vale o risco.

— Venha, então, amanhã à hora do almoço.

— Esperarei com ansiedade — continuou ele sussurrando.

Depois, empinou-se e falou em voz bem alta, de forma a que todos ouvissem: — Outra vez, mil desculpas, madame, por minha ousadia.

NO VINHO DO RENO

— Dona Giselle! A criada trazia o horror plasmado na face. Era uma pobre bretã e quase não estava podendo falar. — Venha ver que coisa horrível, dona Giselle!

Saí do quarto, com o general Stupnaggel seguindo meus passos. Na sala, a mais espantosa cena que meus olhos já viram por pouco não me fez desmaiar. Tombados no chão, sobre poltronas, com os rostos encostados à mesa, todos os oficiais alemães estavam transformados em defuntos.

— Santa Mãe de Deus! — exclamei. — Que teria acontecido?

O general não dizia uma palavra. Virou o corpo de um oficial e pude ver a face dantes sorridente do capitão Fritz Wagner. A cor violácea mostrava algo indefinido de que eu naquele momento não podia lembrar.

— Todos mortos — o general falava num tom frio.

— Os fatos estão ocorrendo de maneira estranha nesta casa. Onde estão as moças que os acompanhavam nesta noite?

— Apenas uma estava aqui — respondi. — As outras não vieram.

— Quem era? — quis ele saber imediatamente.

— Dê-me o nome da envenenadora.

Meu pensamento voou para aquela criaturinha que a essa hora devia estar longe.

Quase sem dar conta de mim, respondi: — Ela se chama Delly.

E imaginei que a jovem corajosa tivesse passado a noite servindo uma droga letal qualquer aos oficiais nazistas. A morte no bom vinho do Reno.

* * *

A morte por envenenamento de tantos oficiais alemães em minha própria residência acarretaria para a nossa causa sérios e inevitáveis contratempos. Os homens da polícia alemã compareceram e ordenaram a remoção dos corpos, enquanto o general Stupnaggel, andando de um lado para o outro em meu quarto, resmungava contra a minha imprudência.

— Não sei onde você foi arranjar essa desvairada. Uma louca.

— Apareceu. Uma mulher bonita não se rejeita, principalmente quando tenho tantos alemães famintos em casa.

Stupnaggel sentou-se no leito.

— Bem disse o "fuhrer", quando advertiu Von Rommel para que não se preocupasse tanto com uma divisão de mulheres destinada a seus soldados na África: "Um verdadeiro soldado é como um grande país: basta-se a si próprio. Não precisa de ajuda."

— Que quer dizer com isto?

— Esses aborrecimentos são provocados apenas pela necessidade que temos de arranjar pequenas agradáveis aos oficiais.

Abraçou-me suavemente: — Compreendo a sua tristeza, Giselle. Você não tem culpa alguma. Não se pode evitar tais coisas. De qualquer forma, todas as providências foram tomadas para que Delly não escape à punição — falava o indignado general. — Uma vez presa, Delly contará tudo. Revelará os seus cúmplices. Temos meios suficientes para fazê-la vomitar toda a verdade. A expressão é essa mesma: vomitar!

Enquanto ele esbravejava, eu podia ver seus dentes de porcelana, falsos como seu sorriso. Arrepiei-me com aquela ameaça.

* * *

Realmente, não foi longe a fugitiva. Delly saíra totalmente desvairada após o envenenamento em massa dos oficiais e procurara a casa de Victor Laks, na Avenida d'Orleans. O pintor não estava lá, na ocasião. Funcionava em Lyon, num dos principais setores da Resistência, mas não houve dificuldade para Delly convencer a encarregada de que era uma parente de Victor. Conseguiu, assim, acomodar-se em seu quarto. Dia e noite, noite e dia, a pobrezinha, enclausurada, aguardava o momento decisivo.

Sabia-o inevitável. A polícia alemã examinava Paris de canto a canto, em busca da "desumana assassina", como repetia irritada a emissora de Stuttgart. Só por um verdadeiro milagre Delly poderia salvar-se. Mas isso não aconteceu, quando os alemães iniciaram as buscas no quarteirão do prédio onde ela se achava.

Estavam visitando o edifício vizinho e Delly resolveu sair, numa desesperada tentativa de fuga. Com muito sangue-frio, foi andando pela rua. Mas conseguiu apenas vencer uns duzentos metros. Uma patrulha nazista a deteve. Carta sua, trazida a mim por uma prisioneira saída dos medonhos cubículos de Drancy, descreveu-me as cenas, desde a minha casa às poucas horas antes do amargo fim. Foram estas as palavras de Delly:

"Não sei, minha amiga, que determinação poderia ser mais firme que a minha de envenenar aqueles alemães que me beijavam. Um deles subia-me pelo pescoço. Parecia uma lesma gosmenta e repugnante. Sentia as mãos que me alisavam as partes mais sensíveis do meu corpo. Eram mãos nojentas também e ao seu contato minha pele se desumanizava. Outro alemão, arrotando cerveja (por falar nisso, Giselle, não forneça mais chope aos alemães: eles se tornam mais difíceis do que são na realidade. E você, mais do que qualquer de nós, sabe como é doloroso agüentá-los), mordida-me a nuca. Soltaram meus cabelos, rasgaram o meu vestido, pondo meus seios e minhas pernas a descoberto (e se regalaram como feras, empurrando-se uns aos outros na disputa do meu corpo). Estavam alucinados. Chegavam a babar, me lambuzando os braços, o rosto, o colo. Tive asco.

Reagindo, sem parecer zangada, consegui livrar-me e ir até o banheiro.

Lembra-se daquela dose que sempre guardei comigo para uma hora irremediável?

Fui até a adega e enquanto os animais esperavam despejei todo o vidrinho numa garrafa de Traminer, do melhor. Uma a uma, distribui as taças aos oficiais. Minha mão apenas tremeu quando ofertei a morte a um oficial ainda moço, muito retraído. A droga não era de ação imediata, fulminante, mas dificilmente encontrariam um antídoto eficiente. O jovem alemão quis apanhar a taça. Eu ainda hesitava.

— Antes quero conversar um pouco.

Ele me botou aqueles olhos pensativos.

— Não sou uma boa conversa — respondeu-me — e não tenho a alegria desses que estão aí.

— As vezes — ponderei — os tristes nos prendem mais do que os de prosa colorida. Qual é a sua história?

— Entrei várias ocasiões em combate e não acho que seja medroso. Não consigo, entretanto, livrar-me de algumas dúvidas.

— Fale.

— Antes da guerra eu freqüentava a Inglaterra. Tinha amigos lá, hospedava-me em Bath, no palacete de um ex-colega de estudos, filho de um lorde. Sempre achei o país tranqüilo e a gente de boa índole.

— Daí? Mudou de opinião?

— A guerra não me fez isso. Mas, na semana passada, minha patrulha aprisionou um aviador inglês em trajes civis. Ele vinha cabisbaixo, mas assim que me avistou li em

seus olhos uma esperança viva. Seus lábios quase formaram meu nome. Eu, por minha vez, quase sorri para ele. Lembrei-me da situação em que estávamos e voltei o rosto. Vi que ele me olhava um pouco surpreso. Depois, voltou a caminhar entre os soldados sem mais se importar comigo. Mais tarde, o sargento se aproximou de mim: "Capitão Muth, onde será? Onde será?" — Sim, ele queria saber o local do fuzilamento. Respondi quase sem sentir: "Em qualquer parte. Fuzilem-no ao pé da primeira árvore" — o sargento insistiu comigo: — "O senhor terá de presidir a festa. Sabe que, como manda o regulamento militar, se houver necessidade do tiro de misericórdia, isso terá de ser feito pelo comandante da unidade." Estremeci e foi como se estivesse andando sobre nuvens. Caminhei para o lugar da execução sem sentir a terra debaixo de mim, como se fosse eu e não o inglês que seria fuzilado. Junto à árvore, já estavam os meus homens e o rapaz. Este, sem casaco, o dorso nu apesar do frio, sentara-se num toco e fumava. Disse ao sargento que gostaria de interrogá-lo e que o pessoal deveria afastar-se, ficando em círculo à distância para evitar qualquer possibilidade de fuga. O inglês viu-me aproximar, soprou a fumaça para cima e esperou. Eu comecei: "Jack (este era o nome que nós lhe dávamos no time de pólo), eu sou obrigado a fazer isto."

"Vocês, alemães, acham que tudo é obrigação."

"Em seu lugar, você me deixaria fugir?"

"Muth — ele falou, voltando-se para mim -, você pensa como nazista. Você é nazista. Sempre foi. Lembro-me de suas conversas em nossa casa, naquela sala da lareira, quando a neve caía e não podíamos sair à noite para ir à

cidade. Falava sempre em disciplina, em autoridade, em raça. Quero dizer-lhe uma coisa, Muth, sob minha palavra de honra: mesmo assim, se eu o encontrasse em nossas linhas, fugitivo, em situação crítica, facilitaria a sua vida. Não iria apressar nem retardar a vitória ou a derrota. E estaria em paz com a minha consciência.”

“Você não faria isso.”

“Bem, penso como um inglês. Você como um nazista.”

“Jack, não deixo de ter remorso. Um nazista, por pior que você o imagine, traz um coração no peito.— um discutível coração. — Mas traz. Nunca mais poderei recordar a imagem de sua mãe em Bath, naquela sala, ao pé do relógio antigo, fazendo tricô. Suspeitaria ela que eu comando agora a execução de seu filho? Apesar de tudo, não hesitarei mais.”

E Delly concluiu: — Giselle, imagine que horror! O moço oficial me contou então que o inglês se levantou e disse que estava pronto. O capitão Muth chamou o sargento e, em tom firme, ordenou que preparasse tudo para o fuzilamento.

"Ainda uma vez, Muth chegou perto do oficial inglês e quis saber se desejava algum recado para sua família na Inglaterra:

— Eu poderia desejar que você entregasse à minha mãe os objetos que trago comigo — disse Jack. — Não acredito, entretanto, que você viva o necessário para fazer tal favor.

Depois, tudo correu mais depressa. Os tiros de fuzis abateram o oficial inglês, mas não o mataram. De Muth foi exigido, como é do regulamento, o tiro de misericórdia. O capitão porém não se abalou. Lento, sob o olhar fiscalizador do sargento, aproximou-se do moribundo. O jovem inglês ainda teve forças para pronunciar algumas palavras, quase inaudíveis:

— Que cara de verdugo tem você, Muth! E nada mais pôde dizer. O revólver do capitão alemão, encostado em seu crânio, abriu-lhe um rombo."

** * **

"Agora você imagine, Giselle... o próprio Muth me contou tudo isto, da maneira como lhe descrevi nesta carta. E, sorrindo, ainda explicou, no final:

— "Eu não tinha outro jeito. Afinal, sou alemão. Ele era inglês. Lutávamos em campos opostos. Deixá-lo em nossas linhas seria traição. Levá-lo conosco ao Quartel-General constituiria um risco tremendo na minha carreira. Arriscar-me-ia a uma punição. Guerra é guerra! —

Abanou, melancolicamente, a cabeça dourada, e concluiu: — Por isso estou triste!

— Eu também estou triste agora — respondi. E entreguei-lhe a taça envenenada.

Ele sorveu o vinho dourado como um jovem deus tomaria seu néctar no Olimpo. Estava a um minuto da eternidade."

A PERGUNTA DESNECESSÁRIA

"Depois de degustar o Reno puríssimo, o capitão Muth chamou-me para bem juntinho de si. Eu imaginava, já ali, o meio de deixar aquela sala o mais rapidamente possível. Ele, porém, segurava-me. Queria-me perto.

— Sua carne, Delly, é rósea — dizia, sorrindo, e mostrava um pedaço de minha coxa, num rasgo do meu vestido.

— Por que — perguntou — as francesas são tão... tão melhores que as alemãs?

Eu percebia que ele já não era senhor de suas palavras. Os outros pareciam dormir.

Muth continuava a divagar: — As alemãs convidam a gente para uma festa íntima. E são tão comportadas, tão cheias de pudor. Despem-se mas, antes, apagam a luz. Ora, no escuro se perde um dos sentidos, não é, Delly? E eu prefiro ver. Gosto de admirar um corpo de mulher. Existe por acaso algo de mais divino? Ah... Não consigo esquecer o olhar de Jack.

— De Jack?

— *Sim, quando me aproximei para matá-lo. Riu com os olhos. Parecia estar com pena de mim. Abaixei-me, chegando o meu rosto bem perto do jovem capitão.*

— *Muth.*

— *Fale, Delly.*

— *Pode levantar-se?*

Ele tentou. Logo desistiu. Não podia erguer a cabeça, sequer.

— *Não sei o que se passa comigo, Delly...*

— *Olhe para mim.*

— *Que há?*

Espiou-me. Parece que leu a verdade em meus olhos.

— *Você fez isso, Delly? Matou-me?*

A sua voz ficou embargada. Mas ele ainda tinha energia.

Pôde dizer: — Com veneno. No vinho. E eu não senti o gosto.

Encostei-me mais para que ele me ouvisse bem.

— *Muth, está-me escutando?*

— *Fale, serpente. Cante vitória .*

— *Eu não ia fazê-lo Muth. Mas você me lembrou de que esse era o meu dever.*

— *Eu? Não... minta.*

— *A verdade é que eu ia deixar cair a taça. Ia-me embora. Foi quando você começou a história do inglês. Explicou de que maneira o executou, apesar de ser seu amigo.*

— *Amigo... não. Companheiro...*

— *Ou seja isto. Se o tivesse deixado fugir, eu não teria procedido agora da maneira como procedi com você, envenenando-o.*

— *Você me assassinou friamente.*

— *E você agora está quite com Jack. Adeus, capitão. Ele me agarrou o braço, numa última contração. Deixou-me a marca de suas unhas. Logo, porém, afrouxou a pressão e pude sair. Onde me ocultei e como aconteceu a minha prisão, você já deve saber, Giselle."*

PROSSEGUE DELLY NA SUA CARTA

"O aparato com que entrei na prisão de Drancy, os alemães às dezenas para evitar minha fuga e um exagerado número de soldados armados de metralhadoras coibindo qualquer interferência popular (quem ousaria, numa situação como aquela?) tudo isso despertou a curiosidade dos outros presos. Fui atirada a uma cela onde cinco outras mulheres estavam deitadas. Mal o guarda rodou a chave vieram falar comigo:

— *Que fez você, afinal, para ter esse acompanhamento? — quis saber uma delas, com sotaque do Meio-Dia.*

— *Assassinou um general?*

— *Fez virar um trem?*

— *Dinamitou o auto de Goering?*

— *Santa Genoveva! Quase um regimento para trazê-la.*

Finalmente houve um silêncio e pude responder.

— *Eles me dão muita importância porque envenenei uns oficiais.*

— *Uns? — assustaram-se.*

— *Quantos?*

— *Pouco mais de meia dúzia?*

— *Pouco mais.*

— *Como foi isso, menina?*

Rodearam-me ainda mais, aflitas para saber a história completa.

— *Antes de tudo, quero saber uma coisa — fui dizendo.*

— *Pergunte.*

— *Qual a situação de vocês?*

As mulheres se entreolharam, irônicas. Uma respondeu por todas, fazendo um gesto vivo com o dedo no pescoço.

E acrescentou a viva voz: — Morte.

— *Fuzilamento?*

— *Não. O governo alemão resolveu economizar munição, e Himmler expediu ordens a todas as prisões militares para que adotem métodos de execução mais razoáveis. A força está sendo utilizada. Custam a gastar a corda.*

— *Você poderá ver, amanhã cedo, o carrasco. É um polonês gordo. Dizem que aceitou o serviço para poupar um irmão que está preso em Dachau. Os carrascos alemães não gostam de enforcar. Sentem mais prazer com o fuzilamento ou as câmaras de gás.*

— *Somos todas companheiras de força? — e eu tinha uma calma que a mim mesma me espantava, quando disse isto.*

— *Todas.*

— *Pois direi o que aconteceu comigo. Eu vivia na casa de Giselle. Ouviram falar?*

Afastaram-se um pouco. Pude notar uma mudança esquisita.

— *Giselle? Aquela...*

— *Vocês estão enganadas.*

— *Não é a da Rua du Bac?*

— *Essa mesma. Não é a traidora que vocês pensam.*

— *Ah, não é? — gritou uma bretã que assassinara um oficial alemão enquanto dormia em sua casa.*

— *Acaso não foi ela quem denunciou Max Jacob? E tantos outros companheiros nossos da Resistência?*

Preparava-me, Giselle, para defendê-la, quando a mulher do Meio-Dia pisou-me fortemente no pé, dando-me um aviso significativo.

Contive-me.

— *Quer dizer que a tal Giselle — insistiu a bretã — é uma boa francesa? Não é uma traidora, pois não? Pode dizer-me por que imagina isto?*

Procurei raciocinar depressa."

** * **

"Aqueles mulheres na cela da prisão de Drancy deixavam-me inquieta. Eu, que assassinei tantos oficiais alemães, não podia esperar clemência. Tinha, entretanto, que evitar comprometer os meus amigos, e entre eles, você, minha Giselle. Decidi não contar mais coisa alguma e

aguardar a minha hora. Quando dormia, senti que tocavam em meu braço. Voltei-me e reconheci, na companheira que estava deitada ao meu lado, a mulher do Meio-Dia.

Baixinho, ela me segredou: — Cuidado com a bretã. Ela não passa de uma espiã.

— Será possível?

— É. Transferem-na de cela em cela, para recolher informações.

— Ainda bem que você impediu que eu contasse mais alguma coisa.

— De qualquer forma, sua amiga Giselle está comprometida."

** * **

"Por isto, Giselle — concluiu Delly — escrevo-lhe esta carta para que tome cuidado. A esta hora você já deve estar sendo observada. Os alemães desconfiam até de seus irmãos, de seus filhos, de suas esposas. Aproveito a oportunidade para despedir-me. Soube que irei para a força assim que o dia de amanhã surgir. Não chore por mim. Sinto-me feliz por ter cumprido a minha parte."

UM VISITANTE INESPERADO

Gerard Zingg, irmão de Paulo, contou-me, algum tempo depois, a espantosa cena. Durante algum tempo, esta história passou de boca em boca na Paris ocupada. É bem verdade que a imaginação popular acrescentou-lhe detalhes que a transformaram em lenda, mas o povo sabia, tinha a plena convicção de que Delly era uma heroína. Um murmúrio surdo percorreu as celas de Drancy, no instante em que a jovem francesa apareceu no pátio, ladeada pelos agentes nazistas e acompanhada pelo gordo carrasco polonês. Delly, caminhava firmemente. Seu olhar tranqüilo pousou no cadafalso armado bem no centro, para que a visão do pavoroso espetáculo servisse a todos os olhos como exemplar lição de que trair é um suicídio — segundo anunciava, quase todos os dias, o locutor que traía a França.

De repente, a caravana macabra se deteve. Soubemos, então — é ainda a narrativa de Gerard Zingg — que a ordem viera do presídio. Delly foi levada para o gabinete e ela mesma reconstituiu, para as suas companheiras de cela, algumas horas depois, a cena inesquecível. Assim que entrou no gabinete do diretor percebeu — além do coronel, um alemão alto, delgado, um tipo prussiano a quem apenas faltava o clássico monóculo — outra pessoa que estava semi-oculta pelo reposteiro da janela, como se evitasse, de propósito, aparecer aos que entrassem.

O coronel falou: — Mandei buscá-la para que tivesse mais algumas horas. Sente-se.

Delly obedeceu. — Agradeço — e Delly falava sem medo — mas não sei se valerá a pena.

O comandante fingiu que estava lendo um papel qualquer. Disse: — Terá a oportunidade de rever Paris...

— Quer dizer: vou poder sair?

— Exatamente.

— Que significa tudo isto?

— Um pouco de bondade. Permitiremos que se despeça da sua cidade.

— Não creio.

— Impomos uma única condição: Não sairá sozinha, pois terá de voltar. De acordo com o seu procedimento, estudaremos a comutação da pena.

— Sairei com quem?

Foi só então que surgiu da obscuridade em que se ocultava o outro homem que assistia à cena.

— Será comigo. Sairá comigo.

Aquela cara. Aquele corpo. Aquela obesidade. Delly não podia acreditar no que seus olhos viam. Estava diante do *vice-"führer"* do Reich.

— Eu sou Herman Goering — veio a confirmação.

Aproximou-se, em seguida, da moça condenada. Seus olhos tinham a cor vermelha dos fumadores de ópio. Segurou-a. Não havia brutalidade no gesto.

Ele continuou: — Pedi que deixassem em paz a corda...

Estourou numa gargalhada histérica. Era um anormal.

— Ah, eu só queria ver a cara do carrasco... Ah!... Só queria ver-lhe as fuças...

Voltou-se para Delly. Mudara de expressão. Parecia meigo, suplicante, ameno, suave como uma margarida.

— Vai aceitar o meu convite, *fraulein*?

— Por quê? Algumas horas mais de vida pouca diferença fazem...

— Quem sabe?

Goering aproximou-se ainda mais. Tinha seus lábios quase colados ao ouvido de Delly. Não falava, suspirava, rezava.

— Você deve aceitar. Não sabe o que pode acontecer em algumas horas. Em alguns minutos, bem pode suceder um milagre.

— Não sou ingênua. Sua guarda estará atenta.

Apontou com um gesto da cabecinha rebelde os esbirros da guarda pessoal de Goering, que não o tinham abandonado.

— Até eles podem dormir — completou Goering.

— Não estou disposta a acreditar em miragens. Qual é o seu verdadeiro jogo, marechal?

Goering olhou para o comandante. Tinha no rosto uma expressão de desânimo. Voltou-se para Delly.

— Bem. Gosto muito de sua franqueza. Entremos no terreno prático: você quer ficar comigo?

— A troco de quê?

— Sua vida.

— Aceito. Depende apenas da garantia.

— Minha palavra.

— Não serve. — É a palavra de um marechal alemão.

— Preciso de algo mais que isto.

— Uma declaração escrita?

— Serve. Remeterei a mesma aos meus amigos fora da área ocupada. Quando receber a resposta estarei ao seu inteiro dispor, marechal.

Herman Goering abanou a cabeça. Acomodou numa poltrona suas banhas flácidas. Levantou-se. Parecia agitado. Suas ancas bamboleantes movimentavam-se com um certo ritmo. Tornou a acomodar-se.

— Assim não serve. Leva muito tempo.

Agarrou as mãos de Delly, frenético: — Quando quero, quero. E não quero, não posso e não vou esperar uma semana, ou duas, quem sabe?

— Marechal, — observou Delly com a mesma tranqüilidade com que se vinha portando — a única coisa que me pode acontecer, se eu recusar, é morrer. Isto já não me assusta.

Goering abaixou a cabeça. Estava quase vencido.

Por fim, ergueu-a com uma expressão iluminada: — Faço outra proposta: você irá pessoalmente à França não-ocupada. Levará com você a minha declaração. E regressará depois para mim.

Concluiu incisivo: — Dez reféns serão encarcerados como garantia de sua volta.

* * *

Delly viajou na mesma noite num avião militar nazista. Parecia não haver limite para a febre de desejo de Goering. Apesar disto, a jovem fora devolvida à cela até a hora de ser conduzida ao aeroporto. Antes de sair, despediu-se das companheiras: — Não sei se volto, de qualquer maneira, eu lhes desejo boa sorte.

— Delly — falou mansamente a do Meio-Dia -, já pensou bem? Acha que o preço vale a sua vida?

Delly curvou-se para junto da companheira e, em poucas palavras, resumiu seu plano, se conseguisse seduzir

e agarrar o marechal. Depois, no avião, ela e o piloto eram os únicos. Não havia radiotelegrafista ou mecânico. O próprio piloto sabia usar das metralhadoras, se a passageira ensaiasse uma fuga, ou se aparecesse uma ocasião de perigo iminente. As casas de Paris foram sumindo, imersas na sombra do "*black-out*" gigantesco. Delly pensava em sua trágica aventura. Olhava aquele piloto branco e frio. Teria uma alma? Um coração? Seria capaz de amar? Logo abanou a cabeça. Não era boa a idéia de fuga. Lá se encontravam, em Drancy, os dez reféns, rezando para que ela voltasse. Se por acaso ela...

Nisto, o aviador voltou a cabeça e disse: — Goering sempre desejando o amor das mortas...

No avião que a conduzia a Vichy, Delly, a condenada, escutava as revelações do piloto alemão. Desde que recebera alta do sanatório para doentes mentais, Goering tornou-se seminecrófilo. Havia quem dissesse que ele possuiu, na Baviera, o cadáver de uma linda alemãzinha. Gert era o seu nome.

— Mas, então, Goering amou um cadáver?

— É o que se diz. Nunca se pode afirmar qualquer coisa em relação aos líderes nazistas.

O piloto alemão já se mostrava receoso. Delly, entretanto, forçava-o, atijando-lhe o desejo de falar mais e mais. O piloto, talvez um recalcado, sentia necessidade de dar vazão a tudo quanto vira ou ouvira antes, durante anos,

sem jamais poder contar, estranhar ou ao menos fazer referência sem incorrer na pena de morte. Agora, no entanto, espicaçado, contava tudo, apressadamente. O ruído dos motores como que servia de sinistro fundo musical. Um céu limpo, sem rugas, envolvia-os em sua viagem.

"Naquela noite" — principiou o piloto alemão — "o marechal ordenou que eu o acompanhasse para o que se costuma chamar de "missão íntima e confidencial". Eu fazia às vezes de piloto e de motorista. Você, que é francesa, certamente se surpreenderá que um capitão da força aérea aceite um posto assim tão rasteiro. Na Alemanha nazista, entretanto, qualquer posto que signifique a intimidade dos líderes representa uma dignidade e muitas facilidades."

"Para a casa de Gert" — ordenou-me Goering quando chegou ao carro.

E acrescentou: — "A toda velocidade. Ela está agonizando."

Percebi logo que havia algo em sua voz que eu jamais pudera notar. Lágrimas. Angústia. Desespero. Logo compreendi que o marechal estava agonizado. E a sua atitude de prostração bem pronto confirmou o que eu suspeitava. Com a fronte apoiada na mão direita, o marechal fez todo o percurso da viagem. Freei o carro no jardim da casa de Gert. Era um amor de casa pequena, daquelas que se construíram no século XVIII. O próprio Goering a adquirira para Gert.

Foi o marechal quem me ordenou: — "Você vem comigo, Rudolf."

* * *

"Encontramos Gert deitada no leito branco, engrinaldada como as virgens. Tinha os olhos fechados, o rosto pálido e uma suave, delicada expressão de serenidade. Apesar da atmosfera pesada e da advertência anterior do marechal, sobre o fato de estar Gert no seu leito de morte, pareceu-me vê-la dormindo. O marechal entrou devagar, na ponta dos pés. Uma freira rezava, em voz baixa, o 'De Profundis'. Não reprimiu o gesto instintivo quando nos viu, abanando a cabeça. Depois disse as palavras fatais: — Não acorda mais. Está morta.

Goering cravou os olhos no rosto da freira. Tinha o ar de um imbecil a quem algo de espantoso acabasse de suceder. Voltou-se para mim, e tinha uma súplica nos olhos feridos de dor: — "Rudolf, você acha que..."

Assenti com a cabeça. Não podia haver dúvida. Goering explodiu, incontrolado, atordoado: — "Vocês dois são uns animais! Morreu coisa alguma!"

Estava indefeso diante do sofrimento. Gritava como um louco, e o suor descia-lhe pela testa, pelo nariz, pelo queixo. Ofegante como um animal enfurecido, bárbaro, sinistro, ele ia e vinha, na alucinação que aquele desesperado amor da velhice lhe trazia agora:

— "Gert!" — sacudiu a morta. — "Acorde, minha Gert, minha querida. Acorde, pelo amor de Deus. Prove que esta mulher está mentindo!"

Voltou-se, em seguida, para a religiosa: "Fora daqui! Já! Antes que eu a mate!"

A freira permaneceu imperturbável. — Estou aqui no exercício de uma missão sagrada. Velo por uma morta. Rezo pela sua alma.

"Não repita isto, desgraçada!" — disse Goering num tom surdo, naquela voz que eu aprendera a identificar como sendo o prenúncio do fim. Sim, já conhecia aquela voz. Nós, os seus íntimos, quando ele gritava, não nos importávamos. Já nos habituáramos ao seu jeito violento, ao seu temperamento irascível. Mas, no momento mesmo em que a sua voz perdia a estridência e ele passava a falar em tom soturno, ficava claro para nós que as coisas estavam tomando um novo rumo, que melhor seria esperar pelo pior. Mas a freira teimava, não se afastava.

"Ficarei. É pelo repouso eterno da alma de Gert que eu rezo." Goering, perdido em seu ódio, furioso porque a religiosa insistia em permanecer e porque reiterava que Gert estava morta, caminhou decidido em sua direção. Do bolso da calça, retirou a arma que sempre carregava consigo. Apertou-a contra o corpo da freira.

"Vai sair de uma vez?"

"O senhor não me amedronta. Pode me matar."

"Pela última vez: vai sair?"

"Hoje a força está de seu lado. Esquece que existe Alguém acima de tudo isto. Alguém que tudo vê. Bem sei que me vai matar. Faça-o. Um dia estará na mesma situação que eu. Não terá, entretanto, a minha tranqüilidade e esta alegria que só a fé nos traz. (A freira falava calma e altivamente). Não sairei."

Foi um tiro seco. A mulher, atingida no ventre, manteve-se de pé um segundo ainda e tombou sobre o chão de madeira, numa golfada de sangue.

"Leve-a" — ordenou-me Goering, apontando o cadáver. — "Depressa. Depois, volte aqui."

"Quando voltei" — continuou o capitão Rudolf a sua narrativa — "Goering estava sentado ao pé do leito e tinha a mão inerte da morta entre as suas. Em seu rosto havia agora suavidade refletida e, extraordinariamente, uma doce paz de alma.

"Veja, Rudolf" — ele me indicava o corpo da moça -, "veja, ela não é linda?"

"Era linda."

"Era? Por que era? Acaso não a vê?"

"Mas está morta."

Ordenou-me que sentasse do outro lado da cama. Conversávamos com o estranho testemunho de um cadáver de mulher. E eu confesso que me sentia aturdido, perplexo, com os nervos em pânico.

"Rudolf" — e havia a mesma estranha doçura na voz de Goering -, "quando se possui uma mulher, a posse é também da sua alma?"

"Talvez."

"Nunca. Só os poetas, os líricos, os doidos e os ingleses amam a mulher pela alma."

O rosto de Goering tingiu-se de sangue. Parecia um louco. Metia-me pavor.

"Eu amo o corpo da mulher, Rudolf. Prefiro não conhecê-la, não desfrutar-lhe a alma, não penetrar os seus segredos, os seus desejos, a sua vida íntima."

Pareceu mais calmo que no momento anterior, e voltou a sentar-se.

"Por incrível que pareça, esta nunca chegou a ser minha. E eu a queria desesperadamente. Desejava-a com

todas as forças, bestialmente, se quiser. Vi-a, pela primeira vez, no Festival de Nuremberg. Ela fazia parte do coro. Nunca lhe dirigira a palavra. Chamei o regente do coro e com ele me informei. Fiquei sabendo quem era e anotei o que pude a seu respeito. Via-a passar, branca como um lírio, delgada, ainda menina e quase moça. É a idade de que eu me encanto. Fiz, então, o que me pareceu indicado. Empreguei o pai, arranjei um lugar para a irmã. A mãe se sentiu honrada com a minha proteção sobre a família."

Emocionado, fez uma pausa e, em seguida, prosseguiu: "Mas eu nunca falei com Gert. Comprei esta casa para ela. Eu mesmo me torturava, adiando o dia em que entraria aqui neste quarto, ela à minha espera. Encontro-a agora assim."

De repente, pregou-me os olhos desvairados. Neles havia algo assim como uma possessão: — "Rudolf: acha que faz diferença?"

"Morta?"

"Inerte. Dócil. Pura e tranqüila. Em suave imobilidade. Você acha que é diferente? Você nunca se deixou envolver pela doce sensualidade que é o misticismo da morte?"

Afastou a leve camisola de dormir que envolvia o corpo de Gert, que apareceu, mais pálido, ainda, na perfeição quase divina da mulher que despontava, as formas imprecisas e levemente definidas. Uma pavorosa alegria, Delly, agitava o rosto de Goering. E ele, com os olhos enterrados no corpo da mulher, fez a mim a pergunta terrível: "Rudolf, você nunca amou uma morta?"

** * **

O capitão Rudolf continuou:

"Era um quadro inesquecível e trágico, ele e eu, dois homens fardados sentados nas extremidades do leito no qual jazia, branca e nua, a mulher morta. A luz trêmula dos círios que a freira acendera ora mostrava ora escondia a face lívida de Herman Goering. Eu podia ver que tinha em minha frente um anormal, um perdido, um sádico. Podia compreender isso pelo tremor das suas mãos, ao alisar a pele alva e imaculada da moça que estava na cama, já completamente fria. Pelo olhar de intenso desejo com que Herman Goering manchava a santidade da morta estava evidente que ele era um monstro, um tipo macabro, personagem das vigílias proibidas nos necrotérios."

* * *

O capitão nazista examinou por um instante os aparelhos de bordo. Delly, a única passageira, escutava em silêncio aquela narrativa triste e amargurada. Não era uma exposição pura e simples de um acontecimento em que o piloto alemão tomara parte em companhia de Herman Goering. Era antes de tudo a tremenda explosão de recalques que o sentimento de culpa lhe determinara. E ele prosseguiu:

"Foi quando Goering mandou que eu saísse. Deixei a porta encostada e sentei-me na varanda. Durante alguns minutos, fiquei olhando o jardim tranqüilo e a rua calma. Havia um silêncio aterrador. De repente, assustei-me com um grito vindo do quarto. Corri até lá, mas contive os passos diante da porta. Podia ouvir que Goering falava com a morta, ora quase aos berros, ora em tom suave

— Anjo, — dizia ele — *deixe que eu me encoste ao seu corpo.*

Espiei por uma fresta e vi uma dessas coisas que jamais poderemos relembrar sem nos arrepiarmos: ele pousara a cabeça da morta em seus joelhos. Já então, a camisola fora atirada para longe e a jovem aparecia finda e terrível na sua macabra nudez, alva como o mármore. Foi no instante exato que espiei. Goering parou de falar e abaixou sua boca até encontrar a boca da morta, num beijo longo e apavorante. Não tive forças para continuar olhando quando ele, após beijar todo aquele corpo inerte, estendeu-o, indefeso, no jeito iluminado pelos cintos. Fui refugiar-me no automóvel. Goering chegou meia hora depois. Estava calmo, muito senhor de si mesmo, ao falar: — Amanhã você levará minhas instruções à família dela. Quero um enterro de primeira classe. Um caixão branco e que a vistam de noiva. Como se jamais tivesse pertencido a um homem.

Se ele repetiu outras vezes um ato semelhante — continuou o piloto — francamente não sei. De uma coisa, porém, tenho absoluta certeza; tem uma predileção toda especial pelas mulheres marcadas pela morte. Na Alemanha, freqüentava campos de concentração e, seguidamente, recebia a visita de condenadas, em gabinetes apropriados, com leitos e tudo. As infelizes submetiam-se a todos os seus caprichos, na esperança de salvar-se. Mas, depois de possuí-las, Goering costumava assistir às execuções das suas vítimas, através de uma janelinha de vidro que dava para a câmara de gás. Gostava de ver aqueles corpos nus, nos quais havia saciado as suas taras,

contorcendo-se de agonia. Lembro-me da pequena judia Raquel. Um tipo adorável de mulher. Cabelos longos, sedosos e negros, formas esbeltas. O rosto, os olhos, a boca, os seios — todo aquele conjunto admirável deixou Herman Goering inteiramente alucinado. — E além de tudo — disse-me ele certa vez, babando de gozo — ela vai morrer.

** * **

Raquel deu trabalho. Ativa e rebelde, negou-se categoricamente a atender ao seu chamado. Vira Goering muitas vezes no campo e estava a par do que ele pretendia fazer com ela. A maneira de agir do marechal já se tornara conhecida nas prisões e todas as mulheres sabiam que, depois da hora do prazer com o chefe da aviação alemã, soaria para elas a hora derradeira. Mas a resistência de Raquel de nada adiantou e a arrastaram para o quarto do sacrifício. Goering trancou-se com ela e, após alguns minutos, com o rosto sangrando, abriu a porta e chamou os guardas.

— A pantera me arranhou com as suas unhas — reclamou.

Entrei com os SS. Raquel estava agachada a um canto, tentando encobrir o corpo formoso com o que lhe restava das vestes rasgadas.

Goering ordenou: — Surrem-na!

Os guardas suspenderam-na pelos braços e, enquanto dois deles a imobilizavam, um outro esbofeteou-a até cansar. Foi uma flagelação impiedosa. Deram-lhe empurrões, pontapés, jogaram-na no chão, viraram-na de costas, pisaram-lhe as nádegas. Quando ela já estava

inerte, quase inteiramente inconsciente, Goering mandou que os guardas saíssem do quarto. Seus olhos brilhavam de maneira estranha. Os outros se admiraram da ordem recebida, mas eu compreendi. Durante meses, o gosto mórbido de Goering foi assunto quase obrigatório nas reuniões íntimas dos chefes nazistas. O caso Gert e o caso Raquel eram exemplos citados a todo instante."

— Delly — terminou o capitão -, acho que esse é o fim que a espera.

— Mas ele me prometeu a liberdade, depois.

— Promete sempre. Tem uma facilidade danada para prometer.

— E a declaração escrita que levo comigo, não valerá nada?

— Ele poderá torná-la sem efeito, alegando motivos superiores.

— Isso seria uma traição que todos condenariam.

— Esquece que estamos em guerra? Motivos superiores ligados à defesa da Alemanha — diria ele.

— E haveria silêncio total.

* * *

Delly ficou impressionada. Até onde queria chegar o capitão com aquelas advertências?

— Aconselha-me a não voltar? — perguntou-lhe.

— A você cabe decidir.

— Acha que eu deixaria dez reféns serem executados por minha causa?

— Eles serão executados mesmo que você regresse. Todos os dias executam reféns na França, com ou sem motivo.

O capitão encolheu os ombros e concluiu: — É simples rotina.

— Mesmo assim eu teria remorsos.

— Bobagem. Fraqueza de mulher.

— E não é só isso. Não se recorda que o governo de Vichy é colaboracionista?

— E daí?

— Faria a minha entrega aos alemães em menos de vinte e quatro horas, O embaixador germânico Otto Abetz não descansa um minuto.

— O governo de Laval não tomaria essa atitude, se você exibisse a declaração de Goering, libertando-a. Ele voltou-se para Delly. O aparelho começava a perder altura.

E foi então que o capitão Rudolf Kuntz fez uma confissão surpreendente:

— Delly, se você estiver disposta a voltar, volte. Eu é que não voltarei.

Kuntz riu. Ajeitou o pára-quadras. Principiou a ensinar-me como usar o meu.

E, depois, revelou: — Não desceremos em Vichy. Estamos sobrevoando a Inglaterra.

Veio lá de baixo, como que a ratificar suas palavras, o estrondo das baterias antiaéreas. O capitão abriu a cobertura de vidro da nacele, e sem uma palavra jogou-se no ar. Num avião militar nazista, sobre as Ilhas Britânicas, uma mulher estava a bordo, inteiramente só.

Durante alguns dias não tivemos notícias de Delly. Sabíamos apenas que ela se atirara de pára-quadras sobre a Inglaterra e fora capturada. O piloto alemão Rudolf Kuntz também fora preso.

— Aguardamos novas informações de Londres — esclarecia-me um aviso dos "maquis" do grupo Vercors.

Acontece que, desde o envenenamento dos oficiais alemães pela impulsiva e corajosa Delly, comecei a observar indícios que me levavam a concluir: eu estava sendo vigiada. Os mesmos agregados do Estado-Maior continuavam a frequentar a minha casa da Rua du Bac, mas notei a chegada de outros oficiais, até então inteiramente desconhecidos por mim. Suas maneiras não revelavam o autoritarismo dos militares prussianos e evitavam a tagarelice dos outros. Tive a intuição de que eles eram agentes da polícia secreta. Pouco tempo depois, vi confirmadas as minhas suspeitas.

* * *

"Afinal" — pensei uma noite — "alemão é de carne e osso, mesmo quando pertence à Gestapo. Vou pôr à prova a resistência de um deles."

Escolhi para a experiência o que me parecia mais impenetrável, mais fechado, um tipo silencioso e mal-encarado. Seu nome era Gunther, Adolf Gunther. E à hora em que todos já iam saindo, inteiramente liquidados por uma noite de orgia, pois bebidas e mulheres não haviam

faltado (eu recebera meia dúzia de ex-"midinettes" e de bailarinas, novas, lindas e compreensivas), encaminhei-me para Adolf Gunther e lhe pedi que ficasse.

— Para quê? — perguntou ele, sarcasticamente.

— Desagrado-lhe? — retorqui, abrindo o meu quimono.

Eu não estava usando nenhuma outra peça de roupa sob o quimono. O capitão examinou o meu corpo com os olhos, devagar, bem devagar. Lembro-me ainda hoje da sua expressão de comprador de gado avaliando um exemplar.

— Quantos anos você tem? — quis saber, enquanto se sentava num sofá.

— Vinte.

— Só?

— Só.

— Nova. Muito nova. Não gosto das inexperientes.

— Não sou nada inexperiente...

— Prefiro as mulheres claras.

— Eu sou clara.

— Quando digo clara, refiro-me à cor do leite.

Decidi fazer o jogo violento que sempre dera certo com Oetting e com Stupnaggel.

— Pelo que vejo, vocês, alemães, gostam de carne putrefata...

Pela primeira vez ele me encarou: — Ah, detesta os alemães?

— Não. Detesto os seus gostos.

— Nossos gostos não são tão ruins assim. Quer que eu a critique?

— Experimente.

— Começemos por cima, os cabelos são finos e sedosos, lembram-me algo que eu não sei o que é. (Adolf Gunther, à medida que falava, me ia alisando). Os olhos são belos, profundos e maliciosos. Olhos de traidora.

— Traidora?

— Olhos de quem esconde a verdade — continuou ele, sem dar importância à minha interrupção. — narizinho é atrevido. Revela ousadia, coragem para meter-se em assuntos que não dizem respeito às mulheres.

— Pode dar um exemplo?

— Não me interrompa, Giselle. Desçamos até a sua boca. (Beijou minha boca com volúpia, depois mirou-a fixamente.) — É a boca de quem possui determinação, espírito forte, muita firmeza.

O queixinho (mordeu-o de leve) revela uma incontestável arrogância.

Levantou-se e principiou a abotoar o dólmã, como se estivesse prestes a sair.

— Giselle, você tem o tipo ideal para uma espiã.

— Por que diz isso, se ainda não me examinou toda?

— Toda?

Deixei o quimono resvalar até meus pés e apareci nua diante dele. Seus olhos iluminaram-se com um brilho difícil de reproduzir.

— Demônio lindo... — disse ele, tentando ainda ser irônico.

Eu sabia, porém, que naquele momento já estava esmagado. Deixei que examinasse cada centímetro do meu corpo descoberto. Meus seios empinados e trêmulos deveriam perturbar-lhe totalmente o raciocínio. Era assim

que subjugava os nazistas. Diante de mim Adolf Gunther parecia uma grande tocha acesa, crepitando. Lentamente passou a mão pelo meu corpo, como um escultor modelando a estátua. Mas quando quis tomar-me nos braços, desvencilhei-me rindo, apanhei o quimono e vesti-o, rapidamente. Ele me olhou, sem ação, inteiramente dominado pela surpresa.

— Por que fez isso, Giselle?

— Não posso me dar a quem me julga uma espiã — respondi.

Ele se lançou ao meu encontro como uma fera ávida. Consegui escapar e continuei a rir.

— Não brinque comigo, Giselle. Você pode arrepender-se.

— Então me diga por que acha que sou espiã.

— Você é uma vigarista, Giselle. Eu sei que nos está traindo.

Deixei-me alcançar pelo capitão. E, enquanto ele novamente me desnudava, fui insistindo no argumento: — Quem lhe deu essa certeza, Gunther?

Já então ele me fizera deitar no sofá e cobria todo o meu corpo de beijos ávidos. Tentava descobrir os meus mistérios sagrados.

— Fale, capitão... — insisti.

— Não posso... — fez ele, numa voz de angústia.

Neste momento resolvi permitir tudo. Era um instante psicológico, bem sabia, e só voltei a questioná-lo quando, fora de si, arfante, punha-se ao meu lado como um animal derrotado. Entre carícias procurei, requintadamente, fazê-lo falar. Prometi— lhe certos prazeres infinitos que só uma

bela mulher inteligente pode prometer. Mas impus condições. Era a hora de impor condições. Eu o amaria, como uma fêmea total, se fôssemos realmente amigos, disse-lhe, entre duas ternuras boas. Gunther jazia à minha disposição. Ah... os nazistas também são de carne e osso, e se sacrificam a um prazer novo, como qualquer homem jovial.

Mal contive um sorriso de vitória quando ele sussurrou: — Giselle, eu lhe contarei toda a verdade, mas antes quero que jure.

— Jurar o quê?

— Que não dirá isso a ninguém e que me seguirá, sempre, para qualquer lugar aonde eu for. Jura?

— Juro por Deus! — menti, cinicamente.

— Foi o general Stupnaggel que ordenou a investigação a seu respeito — explicou ele, de um jato.

— Stupnaggel?

— Ele mesmo. Recebeu uma carta do próprio punho de Himmler. O chefe da Gestapo o advertiu do perigo que corria nesses amores clandestinos com você, uma francesa sobre quem recaíam sérias suspeitas. Himmler concluía que era melhor afastar-se de você e mesmo mandar prendê-la. Stupnaggel, porém, ainda não conseguiu livrar-se do fascínio por você e tentou uma saída para o caso. — O capitão falava sem deixar de me devorar com os olhos, magnetizado. — Eu principio a compreender e a perdoar o general Stupnaggel, Giselle. Ele respondeu a Himmler que havia um engano, que você era útil aos alemães e que denunciara muitos membros da organização secreta dos "*maquis*" franceses. Assim, não a prenderia, a não ser que

recebesse ordem formal do próprio Hitler. Mas ordenaria que fosse feita uma investigação rigorosa sobre você...

— Por isso...

— Por isso, aqui vim. Himmler parece que concordou, mas, indiretamente, fez uma ameaça ao general caso ele não deixasse essa investigação ser feita pela Gestapo.

— Que ameaça?

— Mandaria a Paris a esposa de Stupnaggel. Não pude deixar de rir. Himmler se utilizava até da senhora Stupnaggel, gorda e autoritária, para fazer o comandante alemão de Paris entrar nos eixos. Recordava-me bem de como ele, certa vez, me descrevera, num momento íntimo, a sua digna consorte: *"Aquela bruxa tem todos os defeitos: joga, fuma, bebe, é feia, é velha e ainda quer que eu lhe faça amor todas as noites"*.

— Quer dizer, então, que sou uma suspeita?

— Exatamente.

— Mas sem nenhuma razão.

— Eu, pelo menos, não encontrei até agora nenhum indício. O primeiro foi este.

— Qual?

— O de tentar e conseguir seduzir-me.

Os meus beijos fizeram-no delirar. Aquele super-homem de antes ali estava, agora, dominado, humilde e rasteiro como um cãozinho, mendigando uma carícia.

— Não é sedução, *"mon capitain"*. Sou apenas uma pobre mulher que tenta sobreviver...

Quando acordei, muito tempo depois, ele ainda parecia dormir ao meu lado. Sacudi-o. Continuou imóvel. E só então percebi, cravado até o cabo, à altura do seu coração,

um pequeno e fino punhal. Um filete de sangue descia pela cama e caía, gota a gota, no tapete. Minha empregada, Ivone, ajudou-me com relutância a carregar o homem morto até a garagem a colocá-lo no meu automóvel.

Teria o capitão Adolf Gunther se suicidado, enterrando friamente aquele punhal no próprio coração? Ou simplesmente fora assassinado durante o sono? Eu não podia saber. Agora ele estava inerte, lívido, no assento traseiro do carro, como um sinistro fardo.

— Tenho que me arriscar a levá-lo — disse a Ivone.

— Se eles a descobrem, ninguém poderá salvá-la.

— Não tenho outra saída.

Pus o carro em movimento. Depois de um longo e enervante trajeto detive-me. Estava bem defronte à casa do doutor Cherniakovsky, um exilado que amava a França e que tratava, abnegadamente, os elementos feridos da resistência. Subi os dois lanços de escada de um só fôlego. Aos toques insistentes da campainha o doutor veio abrir, metido numa enorme camisola.

— Giselle! Você aqui?

Fez-me entrar.

Rapidamente, contei-lhe o que se passara. Muito calmo, o russo disse que ia buscar o corpo.

— Sozinho?

— Ainda tenho forças. Você verá.

* * *

De fato, alguns minutos depois ele voltou, com o cadáver do capitão Gunther nos ombros.

— Hei-lo. Que faremos dele, Giselle?

— Precisamos fazer com que desapareça.

— O Sena?...

— Será perigoso transportá-lo outra vez através da cidade.

— Que sugere?

— Você não tem um forno?

— Cremação?

— Acho que é o meio.

— Então, fogo com ele!

Ajudei-o a levar o corpo para os fundos, onde o doutor tinha a cozinha e o forno para experiências. Era um velho forno, que tanto servia para assar pão como para incandescer metais. Lá, sentada, fazendo crochê, estava a velha empregada Dina, que o doutor trouxera, há quase trinta anos, de uma viagem cheia de aventuras pelas ilhas dos mares do Sul. Ela se limitou a levantar os olhos admirados, à nossa chegada, e não fez comentários nem se demorou a atender à ordem de Cherniakovsky.

— Depressa, Dina. Ponha bastante carvão no forno.

— Temos pouco — foi o único reparo da empregada.

— Não faz mal. Ponha tudo. Vale a pena — respondeu o patrão.

Só então ela perguntou: — Quem é esse?

— Era um boche.

Não tive coragem de ver o resto. Repugnava-me o espetáculo. Os cadáveres cremados dançam uma estranha dança fina sob a ação do calor.

A polícia alemã levou semanas procurando descobrir o paradeiro do capitão Gunther. Interrogaram-me. Contei que ele estivera, sim, em minha casa, porém saíra com os outros. Quem eram esses outros? Isso eu não podia

responder. Oficiais alemães que freqüentavam, como tantos, as minhas festas íntimas.

— Giselle — confessou-me o general Stupnagel -, estou preocupado. Muito preocupado.

— Por quê?

— Por você?

— Quer dizer-me o que está acontecendo?

— Desconfiam de que...

— Fale de uma vez...

— ...de que você nos está traindo.

Ele disse isso como se desabafasse, como se um pesado fardo fosse tirado dos seus ombros. Pus-me a rir.

— Por que está rindo? — perguntou ele.

— Porque isso é uma bobagem... O general sentou-se no leito. Passou a mão ao longo do meu corpo despido, como se estivesse olhando-o pela última vez.

E sua voz era triste quando me falou: — Vou ser obrigado a mandá-la para a prisão.

* * *

Os alemães, afinal de contas, não eram tolos. A série de mortes ocorridas em minha casa lhes servia de grave e irrespondível argumento. Por mais que eu protestasse inocência, a simples citação do envenenamento dos oficiais e do desaparecimento do capitão, sem contar ainda o rapto do general, constituía um verdadeiro libelo. Mesmo assim, não entreguei os pontos. Estava disposta a lutar pela minha vida até o fim. Não que ela me significasse muito. Depois do contato diário com aqueles monstros, a vida pouco importava para mim — a não ser na medida em que ainda pudesse ser útil à França.

— General — falei a Stupnaggel -, a iniciativa de minha prisão não pode ter sido sua.

— Não. Não foi minha.

— De quem foi então?

— Não posso dizer.

— Eu sei.

— Sabe?

— Foi Himmler. Ele é quem quer a minha prisão.

Stupnaggel baixou a cabeça. Concordou: — Himmler tem uma cisma danada com você.

— Mas se ele nem me conhece...

O general segurou carinhosamente as minhas mãos.

— Por isso mesmo.

E prosseguiu, como que se desculpando: — Giselle, usei todos os argumentos a seu favor. Mostrei como você denunciou os membros do grupo "*maquis*" do Capoulade. Conte a maneira admirável pela qual me salvou a vida, naquela noite horrorosa. Mas "eles" não acreditam.

— Afinal, você é o comandante de Paris ou um fantoche?

— Minha autoridade tem limite. Ela acaba onde a de Himmler começa.

— Quer dizer: não tenho escapatória?

— Eu não vejo nenhuma.

Fui até defronte do espelho. Ajeitei o cabelo e examinei impessoalmente o meu corpo sem véus.

Disse, calmamente: — Pois eu vejo.

* * *

Stupnaggel me ficou olhando, admirado.

— Fugir? — perguntou.

— Seria uma loucura — respondi. — Não, não penso em fugir, general.

— Qual é o plano? Fale depressa.

— Trazer Himmler aqui.

— Impossível. Ele não viria por sua causa.

— Bem, esta é a sua única parte na tarefa.

— Não posso conseguir o impossível.

— Acha que estou pedindo o impossível?

— A avalanche está perto, Giselle. Logo seremos tragados por ela. Nada nos poderá salvar. Seja razoável e afaste esse plano irrealizável.

— General — falei, afastando-me do espelho.

— Se é impossível trazer Himmler até aqui, leve-me até ele.

Stupnaggel sentou-se na cama, impressionado com o arrojo do meu plano.

— Você teria coragem para ir lá?

— De meter-me na boca do leão? Certamente. Não vejo outra saída.

— E que diria a Himmler?

— A verdade. Contaria tudo o que se passou. Todos os meus serviços prestados à Alemanha. Chegaria defronte dele e diria: "Chefe supremo da vida e da morte, eu sou uma pobre mulher (e tiraria o vestido). Sou francesa, mas nada tenho contra os alemães (descalçaria as meias). Muitos franceses, traidores dos senhores alemães, foram denunciados por mim (e despiria a combinação). Veja Max Jacob, líder e poeta adorado pelos "*maquis*". Eu o entreguei aos executores (as últimas peças caíam e eu deixaria que o meu corpo falasse).

Stupnaggel abanou a cabeça: — Isso não dá resultado com Himmler. Ele detesta as mulheres.

— Invariavelmente?

— Houve apenas uma que lhe despertou sentimentos adormecidos. Era uma adolescente húngara. Mesmo assim ele a vestia como um rapaz, e fazia com que ela usasse cabelos "*à la homme*".

— Então, esse Himmler...

Uma voz estranha veio da porta do quarto: — Nada disso!

Viramo-nos instantaneamente, surpresos.

Stupnaggel teve uma exclamação abafada: — Himmler!...

Eu já imaginara como seria Himmler. Já o vira, nos meus sonhos, ou melhor, nos meus pesadelos, como terrível mensageiro da morte e da destruição, figura de monstro e de vampiro. O que não imaginara, porém, era a possibilidade de me encontrar frente a frente com aquela personificação de Satanás. Certa feita, o general Stupnaggel me contara uma tenebrosa história a respeito do chefe da Gestapo:

"Ele mandou reunir num salão de vidro opaco, sem janelas, com ar condicionado, seis mulheres louras e jovens, e seis gigantescos negros senegaleses. O branco das mulheres e o negro das exóticas figuras africanas, todos despídos, apresentavam um contraste violento. Sentado num balcão que dominava o ambiente, Himmler assistia a

tudo como um general que presencia o desenrolar de uma batalha. Cinco homens da SS, encostados às paredes, de armas em punho, impediam qualquer tentativa de fuga. A cena foi espantosa. Os negros lançaram-se em perseguição às jovens apavoradas, Gritos, gemidos lancinantes, mulheres desmaiadas, era um espetáculo dantesco de selvageria e de violações. Quando tudo acabou, duas das mulheres jaziam mortas. Nos pescoços alvos podiam ser vistas as marcas roxas dos dedos de seus algozes.

— Agora, cantem! — ordenou Himmler.

Os filhos do Senegal principiaram a entoar um dos seus cantos nativos, gutural e bárbaro. E depois dançaram ao redor dos corpos brancos das mulheres que não haviam resistido, numa dança macabra, a própria dança da morte, enquanto as sobreviventes, ensangüentadas e exaustas, gemiam sua dor.

— Chega! — ordenou, de repente, o chefe da Gestapo.

Os cantos e as danças sensuais e fúnebres cessaram de súbito. Os negros foram levados para fora pelos SS. Soube-se que, naquela mesma noite, morreram da pior morte do mundo: o empalamento otomano, algo difícil de descrever em palavras desta civilização. Um suplício que supera a imaginação humana. Doutra feita — dissera-me ainda Stupnaggel, ao lembrar as sombrias taras de Himmler — ele me levou à sua casa, nos arredores de Munique, para ver a sua coleção de monstros caninos. Eram cães de uma raça que eu desconhecia. Talvez uma mistura de cães-lobos do Alasca com "bull-dogs" ingleses. Eram uns vinte, inquietos e terríveis dentro de grandes jaulas.

— *Eu os acostumo aos meus gostos, às minhas predileções, às minhas amizades... — disse Himmler. E acrescentou: — E a ter, também, os meus ódios, as minhas ojerizas.*

Para dar um exemplo objetivo ordenou qualquer coisa a um dos seus homens. Este voltou em pouco tempo com um manequim feminino. Era a reprodução perfeita de uma mulher de tipo europeu, alta, delgada e loura. Aproximou o manequim das jaulas. Os cães vieram, dóceis, farejá-lo. Um dos guardas lhes forneceu, então, alimento: vários quilos de carne crua. Logo em seguida o manequim foi rapidamente despido e surgiu, como uma verdadeira mulher nua, aos olhos dos cães. Era um trabalho perfeito, nas formas e na cor. Ao mesmo tempo, a carne era retirada. Os cães, possessos, horrorosos, saltavam como se estivessem loucos, mordendo as grades de ferro, buscando destroçar o manequim com os dentes.

— *Acostumo-os assim a detestar as mulheres despidas — esclareceu Himmler — para que me ajudem a castigá-las.*

— *A castigá-las?*

— *Esta noite você verá.*

Veio a noite. O palacete de Himmler se iluminou. Os muros altos o tornavam uma fortaleza inexpugnável, o vizinho mais próximo ficava a um quilômetro de distância. A estrada fora desviada em algumas centenas de metros. Ai daquele que se arriscasse a transitar, sem licença especial, sem salvo-conduto, a qualquer hora do dia ou da noite, por aqueles trechos proibidos. Nem as suas pegadas ficariam para contar a história da sua morte. Desapareceria como

se a terra o tivesse tragado. A família receberia um comunicado da Gestapo, dizendo que tivera "morte natural". Isto significava que toda pergunta, toda investigação particular em torno do desaparecimento traria gravíssimas conseqüências. Era o que se contava, nos arredores de Munique, sobre o fim misterioso dos que se haviam aventurado a passear nas proximidades da "chácara de Himmler".

Nem todos, porém, citavam o nome do chefe da Gestapo, palavra terrível, um símbolo de pavor e de sangue, que, ao ser pronunciada, trazia azares e trevas, morte e destruição. Ora, naquela noite — continuou Stupnaggel — a festa principiou às dez da noite. Algo me pareceu logo muito estranho: só havia três mulheres. Nenhum outro homem, a não ser nós dois e os guardas. E todas elas em vestidos de gaze finíssima, que deixava entrever os seus corpos provocantes. Explicou-me Himmler que Goering e Hitler costumavam ir àquelas bacanais, porém na ocasião se encontravam atarefados em Berlim. Todos beberam muito, principalmente as mulheres, que dançaram para nós ao som de uma esplêndida vitrola. E quando eu pensava que a orgia tomaria os rumos convencionais, Himmler fez um gesto para um dos guardas que permaneciam, duros como estátuas, em todas as portas. Logo foi trazido, preso por uma corrente, um imenso macaco, um gorila. As pobres mulheres tremiam de pavor, ante aquele inesperado convidado, o gorila foi preso a uma coluna, pela corrente que lhe deixava inteira liberdade de movimentos.

Himmler apontou para uma das mulheres, de pele alva e cabelos pretos, a mais alta de todas: — Dispa-se.

A pobre jovem, transida de medo, obedeceu.

— Vá até junto dele — voltou a ordenar o carrasco, apontando para o gorila, que devorava aquele corpo branco com os olhos em brasa.

A mulher hesitou e, a um sinal, um dos guardas empurrou-a em direção ao macaco. Ela não ousou resistir e deixou-se levar docilmente para o sacrifício horrendo. Sabia que a morte seria a alternativa para a desobediência. Impossível descrever a cena que se seguiu. Logo após, foi a vez da segunda jovem, uma loura robusta que, como num transe, como que hipnotizada, encaminhou-se para a fera sem necessidade de ajuda, ante a ordem do chefe. Mas, quando este mandou a terceira, uma alsaciana bonita e pequena como um "biscuit", caminhar para o holocausto, ela tentou fugir. Tinha visto o sofrimento das suas companheiras, que terminaram sendo carregadas, exangues, para a enfermaria. Um guarda a dominou.

— Não! — gritava a mocinha. — Eu não cederei! Isto não! Misericórdia!

Himmler aproximou-se dela e a encarou, com olhos gelados: — Não quer obedecer-me?

— Não!

— Pois terá o seu castigo.

— Nenhum castigo pode ser pior do que esse.

— É o que veremos.

Os guardas levaram a alsaciana para fora.

— Venha assistir — disse-me Himmler.

Eu, francamente, já estava com os nervos quase estourados.

— Que irá fazer agora? — ousei perguntar.

— Lançá-la aos cachorros — respondeu ele, em tom indiferente.

Mal a mulher apareceu diante da grande jaula — e havia, naquela noite, uma lua implacável a iluminar o espetáculo daquele corpo frágil e desprotegido — os terríveis animais começaram a sinistra orquestra de vivos, de latidos selvagens.

— Depressa! — bradou Himmler aos homens.

Eles carregaram a mulher para cima da jaula e, por uma abertura, atiraram-na às feras. Fechei os olhos para não ver o quadro medonho. Mas os gritos que ela lançou, apenas por alguns segundos, antes que os cães-lobos lhe seccionassem a carótida, não eram por certo gritos humanos.

Eu relembrei todas essas narrativas de Stupnagel sobre Himmler, naquele instante em que o próprio Himmler, da porta do meu quarto, me olhava numa atitude de desafio.

— Você é Giselle? — falou.

Controlei-me em poucos segundos e respondi, firmemente: — Sim, eu sou Giselle.

— Ah!... — disse ele, examinando o meu corpo despido — uma mulher apreciável.

Sempre tive uma espécie de intuição, um anjo da guarda que me serve de conselheiro, ou de "ponto", como nos teatros. Foi esse mesmo conselheiro que me soprou o

que eu tinha a dizer a Himmler, enquanto vestia o quimono: — Sou mesmo bonita, Himmler. Mas não para os seus cães.

— Quer dizer: você não é carne para os meus cães, Giselle? — e Himmler, ao dizer essas palavras, tinha os olhos voltados para o rosto pálido de Stupnagel.

— Isso mesmo. Não sou traidora, sirvo bem aos alemães, não estou disposta a ser sacrificada assim sem mais nem menos, por uma simples calúnia. Não tenho medo de ameaças.

— Corajosa, hem? — A ironia era terrível na voz daquele homem de face pétrea.

Himmler parecia de fato talhado em granito. Seu rosto, seu sorriso, tudo lembrava a frieza de uma estátua, a impenetrabilidade do bronze.

E ele continuou: — Cadela. Vocês todas, francesas, são umas cadelas. Não passam de vagabundas, de mulheres que não servem nem para limpar as botas de um soldado alemão.

— Ah, o senhor pensa assim? — retruquei, vendo as coisas tomarem um rumo desanimador.

— E você, como é que pensa?

Ao fazer esta pergunta, os olhos de Himmler estavam observando todos os meus movimentos, as menores contrações do meu rosto. Senti que tinha de dar uma resposta decisiva. Dela dependia a continuação da minha vida ou a decretação da minha morte. Decidi agir seguindo a minha intuição, agressivamente.

— Eu penso o contrário, *Herr* Himmler. Penso que vocês, alemães, são uns mal-agraçados, uns dominadores

sem categoria, uns homens que nunca chegaram a compreender a sutileza de uma mulher desta terra.

Himmler, à minha resposta, abrandou-se, abandonou sua pose de general nazista de opereta (muitos oficiais alemães criticavam essas suas atitudes idiotas: ele costumava postar-se diante dos interlocutores, duro, com o rebenque na mão, as botas juntando-se nos calcanhares, respondendo com monossílabos a todos os relatórios que lhe faziam).

— Fale, Giselle.

— Que deseja ouvir de mim?

— Fale de sua vida.

— De antes da guerra?

— Não. Depois.

— Quando estive presa?

— Pode começar daí.

— Os senhores da Gestapo sabem de tudo melhor do que eu. Basta pedir uma cópia do que existe a respeito nos arquivos da Casa Parda.

— Prefiro ouvir sua versão.

— Muito bem: eu servia aos "*maquis*", trabalhava para os "*maquis*", porque tinha medo de morrer.

— Pobre Giselle...

— Acredite ou não, essa é a verdade.

— Continue.

— O coronel Oetting... Conhece-o?

— Um bobo alegre. Está agora na Rússia.

— Ele dirigia a prisão. Prometeu-me liberdade em troca da delação.

— E você delatou?

— Quer que cite nomes?

— Já sei, já sei... — (voltou-se para Stupnaggel, cujo rosto recobrava aos poucos a sua cor normal: começava a respirar de novo com desafogo, ante a minha presença de espírito.) — O general Stupnaggel escreveu-me sobre isso. Max Jacob e outros foram presos por sua causa. Mas isto prova alguma coisa?

— Não acha que prova?

— E os nossos oficiais assassinados em sua casa?

— Minha casa, *Herr Himmler*, é um centro de diversão para os oficiais alemães.

— E eles se divertem morrendo?

— Quando digo diversões, quero dizer mulheres.

— E daí?

— Vou explicar. Eu arranjo mulheres para distrair os oficiais alemães que chegam do "front", cansados, em período de férias. Faço todos os esforços para recrutar essas mulheres entre aquelas que não odeiem os alemães...

— Existe, por acaso, alguma mulher, na França, que não deteste os alemães?

— Muitas — (pedi perdão a Deus pela mentira) e expliquei: — Algumas, entretanto, escondem seus verdadeiros sentimentos, enganam-me. Foi assim com Delly.

— A que matou por envenenamento tantos oficiais?

— Exatamente. Seu pai e seu noivo tinham sido vítimas dos campos de concentração dos senhores. Ela os vingou. Eu não sabia de nada.

— E como se explica o desaparecimento do capitão Adolf Gunther?

— Não sei.

— Ele foi visto, pela última vez, aqui em sua casa.

— Saiu. Nunca mais voltou.

— Um homem não pode desaparecer assim, sem deixar rastros.

— E por que acha que ele desapareceu em minha casa?

— É uma suspeita, apenas.

* * *

Meu diálogo com Himmler parecia um duelo. Eu precisava estar atenta, não fraquejar. A primeira indecisão poderia ser fatal.

Ele prosseguia: — Mas já conseguimos encontrar alguns vestígios do capitão Gunther.

— Cumprimento-os.

Minha face não deixava revelar o medo que ia em minha alma. Eu estava com um inferno no peito. Até onde eles saberiam?

— Prendemos — continuou Himmler glacialmente — um velho russo branco chamado Cherniakovsky. Professor de medicina. Vivia com sua antiga empregada, uma velha taitiana.

— Não estou entendendo a ligação...

— Verá logo. No baú de bugigangas da empregada encontramos um bracelete que pertencia a Gunther. O médico russo acabou confessando.

— Confessando o quê?

— Bem, Gunther não foi morto pelo velho. Ele não tinha meios nem forças para matar o oficial. Apenas cremou seu cadáver.

VISITA INESPERADA

A esta altura, entrou na sala o capitão Brandt. Um homem calmo, que vinha sempre à minha casa e tomava parte, sem muita vivacidade, em quase todas as alegres noitadas. Geralmente ficava num canto, quieto, sem se destacar. Agora, eu não poderia deixar de estranhar a semcerimônia com que ele aparecia diante de Himmler. Este o tratou respeitosamente, saudando-o com amabilidade, que me pareceu exagerada. E o capitão Brandt sentou-se, enquanto Himmler voltava à carga, olhando-me:

— Giselle, o doutor Cherniakovsky e a empregada taitiana não nos revelaram nem uma palavra sobre a morte de Gunther. Mas a sua criada, Yvonne, falou.

Senti que tudo estava perdido e ainda tive ânimo de perguntar: — Falou o quê?

— Que ajudou sua patroa, isto é, você, a carregar o defunto capitão Gunther até o automóvel, no qual você o levou até a casa de Cherniakovsky. Foi assim que conseguimos apanhar o médico.

Himmler voltou-se para um dos guardas que estavam à porta e ordenou: — Traga Yvonne.

Minha criada entrou. Não trazia a cabeça baixa. Ao contrário, vinha altiva, com ar de triunfo.

Encarou-me desafiadoramente: — Tudo o que eu disse é verdade. Foi ela quem levou o corpo.

Não pude conter-me e exclamei: — Sórdida!

Ela me olhou com desprezo: — A senhora é uma traidora.

Himmler voltou-se para mim e olhou-me como quem diz: "*E agora, dona?*" Eu estava vendo tudo negro ao meu redor e já não me importava. A morte se tornara certa. Foi quando se deu o inesperado.

O capitão Brandt levantou-se e disse, fitando Himmler: — Vou acabar com uma farsa.

— Que farsa? — surpreendeu-se o chefe da Gestapo.

— A verdade é que Giselle colabora conosco. É minha agente de toda a confiança. Se antes não o declarei, foi justamente para não arriscar o seu trabalho, para manter, tanto quanto possível, a sua eficiência como elemento ativo. Ela é muito mais do que uma simples informante e delatora, como todos pensam.

— E a morte do Capitão Gunther? — havia espanto na pergunta de Himmler.

Stupnagel parecia aniquilado. Eu, de minha parte, não sabia o que pensar.

O capitão Brandt prosseguiu:

— Gunther? Eu o matei. Faria isso mais dez vezes, se fosse preciso.

Continua...

© 1939 — GISELE MONTFORT